



revista **adventista**

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL

Semana de Oração 1977

10 a 17 de Dezembro



MENSAGEM DOS RESPONSÁVEIS DA CONFERÊNCIA GERAL

Deste modo, a inexorável marcha do tempo nos traz mais uma vez uma nova semana de oração.

No momento em que, no mundo inteiro, todas as igrejas adventistas se preparam para estas reuniões especiais, os responsáveis pela Conferência Geral exprimem ao Senhor o voto de que elas representem mais do que uma simples semana de oração que sucede a muitas outras. Este inquietante período em que vivemos exige do povo de Deus uma piedade, uma consagração e um empenhamento excepcionais. Os sinais dos tempos não cessam de desfilar perante os nossos olhos; temos por isso, mais do que nunca, o sentimento de que a vinda do Senhor está próxima.

A primeira preocupação dos dirigentes da Conferência Geral é de que a totalidade do povo de Deus esteja pronta para se encontrar com Jesus. O nosso nome — Adventistas do Sétimo Dia — ilustra, aos olhos do mundo, duas grandes verdades: cremos na segunda vinda de Jesus e estamos determinados a observar fielmente o sábado, o sétimo dia da semana. Os nossos pioneiros pregaram a volta do Salvador, com convicção e dinamismo. Hoje, mais do que nunca, o nosso movimento deve esperar ardentemente a vinda de Jesus. Não basta pensar que o Senhor acabará realmente por voltar «um dia qualquer». Precisamos de acreditar que Ele virá **em breve**. Na nossa vida e no nosso trabalho, devemos compenetrar-nos da urgência da tarefa que nos foi confiada. Como povo, o nosso tempo está contado. A vinda do Senhor está próxima. É verdade que ninguém conhece o dia nem a hora, mas sabemos que Cristo em breve virá.

A questão essencial, repetida centenas de vezes, pela qual Deus nos interpela, é esta: «Estamos preparados para a volta de Jesus?» Através das nossas múltiplas preocupações, será que o nosso comportamento reflecte verdadeiramente a nossa fé na proximidade desse acontecimento? Este tema da segunda vinda do Salvador e da preparação que ele exige deve, custe o que custar, ser proclamado em todo o mundo por intermédio dos numerosos porta-vozes do movimento adventista. Longe de nos contentarmos com a nossa preparação, temos o dever de ajudar os nossos semelhantes a se prepararem igualmente.

Por esta razão, os irmãos da Conferência Geral pedem insistentemente a todos os membros da igreja que meditem seriamente nas leituras desta semana de oração, centradas no tema: «Estai preparados». Oramos para que estas mensagens toquem os nossos corações, de maneira a suscitar, nas nossas fileiras, o arrependimento, o despertar e as reformas indispensáveis, enquanto cingimos os nossos rins, tendo em vista o nosso encontro final com o Mestre.

Por isso convidamos cada membro da igreja final, disseminada pelo mundo, a tomar parte nas bênçãos reservadas para esta semana de oração 1977.

NA CAPA:

OS TRÊS ANJOS DE APOCALIPSE 14

Allan Collins, professor na Universidade Andrews, realizou recentemente esta nova interpretação dos três anjos de Apocalipse 14. A sua primeira escultura destes três anjos (que se encontra na fachada dos escritórios da Divisão Norte-Europeia e Oeste-Africana, em St. Albans, na Inglaterra) já é familiar aos adventistas de todo o mundo, visto já ter sido muitas vezes reproduzida nas nossas revistas.

A nova representação é feita de uma mistura de fibra de vidro e resina sintética coberta de bronze em pó. Tem um diâmetro de 1,50 m e uma espessura de uma dezena de centímetros. Será colocada numa parede interior do edifício administrativo do Colégio de Lincoln, na Nebraska, Estados Unidos. O fundo sobre que será colocada terá as cores do arco-íris representando raios saindo do centro da escultura. A impressão de rotação que se desprende da estrutura circular pretende representar o voo dos anjos em volta da Terra.

(FOTO DICK DOWER)

SUMÁRIO

SEMANA DE ORAÇÃO 1977
Mensagem dos Responsáveis da Conferência Geral
A Pessoa Daquele Que Regressa
A Certeza do Seu Regresso
Proximidade do Seu Regresso
O Objectivo do Seu Regresso
A Nossa Preparação para o Seu Regresso
Anunciar o Seu Regresso
Preparados para o Seu Regresso
Após o Seu Regresso
Semana de Oração para as Crianças — É verdade! Podemos acreditar naquilo que Jesus disse acerca do Seu regresso

revista
adventista

ORGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL

Publicação mensal

NOVEMBRO DE 1977

ANO XXXVIII

N.º 374

Director: ERNESTO FERREIRA

Administrador:
JOAQUIM DIAS

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLÂNTICO
S. A. R. L.

Redacção:
R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17
LISBOA

Administração:
RUA SALVADOR ALLENDE,
LOTE 18, 1.º
SACAVÉM

Composto e impresso na
TIP. ANTUNES & AMILCAR, LDA.
Alam. D. Af. Henriques, 1 - C — Lisboa

Preços:

Assinatura Anual	60\$00
Número avulso	6\$00
Estrangeiro	130\$00

A PESSOA DAQUELE QUE REGRESSA

**Já esperámos durante muito tempo
o regresso do nosso Salvador, mas a promessa
não deixa, por isso, de ser certa.
Em breve estaremos na Terra Prometida.**



Por ELLEN G. WHITE

O Senhor há-de vir cedo, e precisamos estar preparados para encontrá-lo em paz. Estejamos resolvidos a fazer tudo quanto está ao nosso alcance para comunicar luz aos que nos cercam. Não devemos estar tristes, mas animosos, e ter sempre perante nós o Senhor Jesus. Ele virá logo, e devemos estar prontos e aguardando o Seu aparecimento. Oh, quão glorioso será vê-lo e receber as boas-vindas como remidos Seus! Por muito tempo temos esperado; mas a nossa esperança não deve diminuir. Se tão-somente pudermos ver o Rei em Sua formosura, seremos para sempre benditos. Tenho a sensação de que devesse exclamar alto: «Rumo ao lar!» Estamos-nos aproximando do tempo em que Cristo virá com poder e grande glória para levar ao lar eterno os Seus resgatados. (1)

Foi nosso Senhor mesmo que prometeu aos Seus discípulos: «Se Eu for, e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos levarei para Mim mesmo». Foi o compassivo Salvador que, antecipando-Se aos sentimentos de solidão dos Seus seguidores, incumbiu anjos de os confortar com a certeza de que Ele viria outra vez, em pessoa,

assim como fora para o Céu. Estando os discípulos a olhar atentamente para cima a fim de apanhar o último vislumbre d'Aquele a quem amavam, a sua atenção foi despertada pelas palavras: «Varões galileus, porque estais olhando para o céu? Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no Céu, há-de vir assim como para o Céu o vistes ir». Pela mensagem do anjo acendeu-se de novo a esperança. Os discípulos «tornaram com grande júbilo para Jerusalém. E estavam sempre no templo, louvando e bendizendo a Deus.» Não se regozijavam porque Jesus deles Se houvesse separado, e tivessem sido deixados a lutar com as provações e tentações do mundo, mas por causa da certeza dada pelo anjo de que Ele viria outra vez. (2)

Jesus ascendera ao Céu na forma humana. Os discípulos viram a nuvem recebê-lo. O mesmo Jesus que andara, e falara e orara com eles; Aquele que partira com eles o pão; que com eles estivera nos botes, no lago; e que fizera com eles, naquele mesmo dia, a penosa subida do Olivete — o mesmo Jesus fora agora para partilhar do trono do Pai. E os anjos asseguraram-lhes que Aquele

mesmo que viram subir ao Céu voltaria outra vez assim como subira. Virá «com as nuvens, e todo o olho O verá». «Porque o mesmo Senhor descerá do Céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão». «Quando o Filho do homem vier em Sua glória, e todos os santos anjos com Ele, então Se assentará no trono da Sua glória». Então se cumprirá a promessa do próprio Senhor aos discípulos: «Se Eu for, e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos levarei para Mim mesmo, para que onde Eu estiver estejais vós também». (3)

Cristo ascendeu ao Céu revestido duma humanidade santificada. Esta humanidade, levou-a Ele consigo para as cortes celestes e continuará a assumi-la durante a eternidade, como Aquele que resgatou todos os seres humanos introduzidos na cidade de Deus, Aquele que intercedeu diante do Pai, dizendo: «Eis que nas palmas das Minhas mãos os tenho gravado». (4)

Embora Jesus Cristo tenha entrado nos Céus, ainda há uma corrente viva que liga os Seus crentes ao Seu próprio coração de infinito amor. O mais humilde e fraco é ligado intimamente ao Seu coração por um elo de simpatia. Nunca Se esquece Ele de que é o nosso representante, de que tem a nossa natureza. (5)

Ao tomar a nossa natureza, o Salvador ligou-Se à humanidade por um laço que jamais se partirá. Ele estará-nos ligado por toda a eternidade... Cristo glorificado é nosso irmão. O Céu acha-se abrigado na humanidade, e esta envolvida no seio do infinito Amor. (6)

Cristo veio ao mundo como Salvador pessoal. Ele representava um Deus pessoal. Subiu às alturas como Salvador pessoal e voltará do mesmo modo como subiu ao Céu — na qualidade de Salvador pessoal. (7)

Que fonte de alegria para os discípulos, saberem que tinham um Amigo no Céu para interceder em seu favor! Graças à ascensão visível de Jesus, todas as suas concepções e a sua visão das coisas celestes se tinham modificado.

Até então, tinham concebido o Céu como um espaço ilimitado, povoado de espíritos desencarnados. A partir daquele momento, o Céu ficava ligado à recordação de Jesus, a quem haviam amado e reverenciado acima de todos, com quem tinham conversado e viajado, cujo corpo tinham tocado, mesmo depois de ressuscitado, esse Jesus que havia falado de esperança e reconforto ao seu coração. Aquele que fora arrebatado aos seus olhos enquanto ainda falava, o eco de cuja voz chegava até eles, enquanto O viam ser recolhido por uma coorte de anjos: «Eis que estou convosco sempre, até ao fim do mundo.»

Desde então, o Céu não poderia mais parecer-lhes como um espaço indeterminado, misterioso e habitado por espíritos intangíveis. Consideravam-no agora como a sua futura residência, onde o seu amado Redentor lhes preparava moradas. Por isso as suas orações se revestiam de um novo interesse, visto exprimirem uma comunhão com o seu Salvador. Mas por sentimentos novos e exaltantes, pela firme confiança de serem ouvidas as suas orações, reuniram-se no cenáculo para apresentar as suas súplicas, reclamando o cumprimento da promessa do Salvador que dissera: «Pedi, e recebereis, para que o vosso gozo seja perfeito.» Oravam verdadeiramente no nome de Jesus. (8)

Ter em mente a promessa

A promessa da segunda vinda de Cristo devia conservar-se sempre viva na mente dos Seus discípulos. O mesmo Jesus, a quem viram subir ao Céu, viria outra vez, para receber os que aqui na Terra se entregam ao Seu serviço. A mesma voz que lhes disse: «Estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos,» dar-lhes-ia as boas-vindas à Sua presença no reino celestial. (9)

Agora está à mão direita de Deus, está no Céu como nosso Advogado, para por nós interceder. Sempre devemos ficar animados e confortados ao pensar nisto. Ele pensa naqueles que estão sujeitos às tentações neste mundo. Pensa em cada um de nós, individualmente, e conhece todas as nossas necessidades. Quando tentados, basta dizer: Ele cuida de mim, intercede por mim, ama-me, morreu por mim. Sem reservas, entregar-me-ei a Ele. Entristecemos o coração de Cristo quando seguimos lamentando-nos como se fôssemos o nosso próprio salvador. Não; devemos entregar a Deus a guarda da nossa alma como a um Criador fiel. Ele vive sempre para interceder pelos que são provados e tentados. (10)

É à meia-noite que Deus manifesta o Seu poder para o livramento do Seu povo. ...A voz de Deus é ouvida no céu, declarando o dia e a hora da vinda de Jesus e estabelecendo concerto eterno com o Seu povo. ...Surge logo no Oriente uma pequena nuvem negra, aproximadamente da metade do tamanho da mão de um homem. É a nuvem que rodeia o Salvador, e que, à distância, parece estar envolta em trevas. O povo de Deus sabe ser esse o sinal do Filho do homem. Em solene silêncio fitam-na enquanto se aproxima da Terra, mais e mais brilhante e gloriosa, até se tornar grande nuvem branca, mostrando na base uma glória semelhante ao fogo consumidor e encimada pelo arco-íris do concerto. Jesus, na nuvem, avança como poderoso vencedor. Agora, não como «Homem de dores», para sorver o amargo cálice da igno-

mínia e miséria, vem Ele vitorioso no Céu e na Terra para julgar os vivos e os mortos. «Fiel e verdadeiro», Ele «julga e pelega em justiça». E «seguiram-n'O os exércitos do Céu». Com antífonas de melodia celestial, os santos anjos, em vasta e inumerável multidão, acompanham-n'O no Seu avanço. O firmamento parece repleto de formas radiantes — milhares de milhares, milhões de milhões. Nenhuma pena humana pode descrever esta cena, mente alguma mortal é apta para conceber o seu esplendor. «A Sua glória cobriu os céus, e a Terra encheu-se do Seu louvor. E o Seu resplendor era como a luz.» Aproximando-se ainda mais a nuvem viva, todos os olhos contemplam o Príncipe da vida. Nenhuma coroa de espíritos agora desfigura a sagrada cabeça, mas um diadema de glória repousa sobre a santa fronte. O semblante divino irradia o fulgor deslumbrante do Sol meridiano. «E no vestido e na Sua coxa tem escrito este nome: REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES». (11)

Ao passo que os ímpios fugirão da Sua presença, os seguidores de Cristo rejubilarão. Vislumbrando o tempo do segundo advento de Cristo, disse o patriarca Job: «Vê-l'O-ei por mim mesmo, e os meus olhos, e não outros, o verão.» Dos fiéis seguidores, Cristo tem sido companheiro diário, amigo familiar. Viveram em contacto íntimo, em comunhão constante com Deus. A glória de Deus fulgiu sobre eles. Reflectiu-se neles a luz do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo. Agora se regozijam nos raios não ofuscados do resplendor e glória do Rei, em Sua majestade. Estão preparados para a comunhão do Céu; pois têm o Céu no coração. (12)

Os remidos de Cristo são as Suas jóias, o Seu tesouro pessoal e precioso. «Serão como os diamantes duma coroa.» — «A riqueza da glória da Sua herança nos santos.» Neles, «o trabalho da Sua alma Ele verá, e ficará satisfeito». Jesus, o principal foco a partir do qual toda a glória irradia, considera ainda assim o Seu povo, na sua pureza e perfeição, como a recompensa de todos os Seus sofrimentos, da Sua humilhação, do Seu amor, e como coroa da Sua glória. (13)

Cristo reclama o privilégio de ter a Sua igreja consigo. «Quero que, onde Eu estiver, também eles estejam comigo.» Tê-los consigo, está de acordo com o concerto da promessa e o pacto feito com Seu Pai. Reverentemente, apresenta Ele, no trono da graça, a consumada redenção para o Seu povo. O arco da promessa circunda o nosso Substituto e Penhor ao lançar a Sua amável petição: «Pai, aqueles que Me deste quero que, onde Eu estiver, também eles estejam comigo, para que vejam a Minha glória». Contemplaremos o Rei na Sua beleza e a igreja será glorificada. (14)

Troféus de vitória

Antes de entrar na cidade de Deus, o Salvador concede aos Seus seguidores os emblemas da vitória, conferindo-lhes as insígnias da sua condição real. As fileiras esplendentes são dispostas em forma de um quadrado aberto ao centro, em redor do seu Rei, que Se ergue majestosamente muito acima dos santos e anjos, e de cujo rosto irradia benigno amor a todos. Por toda a hoste inumerável dos resgatados, todos os olhares se acham fixos n'Ele, todos os olhos contemplam a glória d'Aquele cujo «parecer estava tão desfigurado, mais do que o de outro qualquer, e a Sua figura mais do que a dos filhos dos homens». Sobre a cabeça dos vencedores, Jesus com a Sua própria destra põe a coroa e a inscrição: «Santidade ao Senhor».

Diante da multidão de resgatados está a santa cidade. Jesus abre amplamente as portas de pérolas, e as nações que observaram a verdade, entram. Ali contemplam o paraíso de Deus, o lar de Adão em sua inocência. Então aquela voz, mais harmoniosa do que qualquer música que tenha jamais soado aos ouvidos mortais, é ouvida dizer: «Vosso conflito está terminado». «Vinde, benditos de Meu Pai, possui por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo.» (15)

Ao serem os resgatados recebidos na cidade de Deus, ecoa nos ares um exultante clamor de adoração. Os dois Adões estão prestes a encontrar-se. O Filho de Deus acha-Se de pé, com os braços estendidos para receber o pai da nossa raça — o ser que Ele criou e que pecou contra o seu Criador, e por cujo pecado os sinais da crucificação aparecem no corpo do Salvador. Ao divisar Adão os sinais dos cruéis cravos, ele não cai ao peito do seu Senhor, mas lança-se em humilhação a Seus pés, exclamando: «Digno, digno é o Cordeiro que foi morto!» Com ternura o Salvador o levanta, convidando-o a contemplar de novo o lar edênico do qual, havia tanto, fora exilado.

Depois da sua expulsão do Éden, a vida de Adão na Terra foi cheia de tristeza. Cada folha a murchar, cada vítima do sacrifício, cada mancha na bela face da natureza, cada mácula na pureza do homem, era uma nova lembrança do seu pecado. Terrível foi a aflição do remorso, ao contemplar a iniquidade que abundava, e, em resposta às suas advertências, deparar com a exprobração que lhe faziam como causa do pecado. Com paciente humildade, suportou quase mil anos a pena da transgressão. Fielmente arrependeu-se do seu pecado, confiando nos méritos do Salvador prometido, e morreu na esperança de uma ressurreição. O Filho de Deus redimiu a falta e a queda do homem; e agora, pela obra da expiação, Adão é reintegrado no seu primeiro domínio.

Em transportes de alegria, contempla as árvores que já foram o seu delite — as mesmas árvores cujo fruto ele próprio colheira nos dias da sua inocência e alegria. Vê as videiras que a sua própria mão tratara, as mesmas flores que com tanto prazer cuidara. O seu espírito apreende a realidade daquela cena; ele compreende que isso é na verdade o Eden restaurado, mais lindo agora do que quando fora dele banido. O Salvador leva-o à árvore da vida, apanha o fruto glorioso e manda-o comer. Olha em redor de si e contempla uma multidão da sua família resgatada, no Paraíso de Deus. Lança então a sua brilhante coroa aos pés de Jesus e, caindo a Seu peito, abraça o Redentor. Dedilha a harpa de ouro, e pelas abóbadas do Céu ecoa o cântico triunfante: «Digno, digno, digno, é o Cordeiro que foi morto, e reviveu!» «A família de Adão associa-se ao cântico e lança as suas coroas aos pés do Salvador, inclinando-se perante Ele em adoração. (16)

Foi-me dado um vislumbre das glórias do Céu, e desejaria que a cada um de vós fosse dado ver aquilo que vi, para que pudésseis adquirir uma justa noção do peso eterno de glória que será a recompensa dos fiéis. Precisamos de conhecer Jesus mais intimamente. Deveríamos sentar-nos aos Seus pés e aprender d'Ele as preciosas lições da brandura e da humildade de coração.

Quanto mais O conhecermos, mais desejaremos conhecê-Lo. À medida que nos demorarmos a contemplar o Seu amor, nos aperceberemos dos incomparáveis encantos do Seu carácter. Ele foi perfeito em todos os domínios, na alma, no espírito, nas palavras e acções... Devemos ser semelhantes a Cristo e dar assim ao mundo um exemplo digno de ser seguido.

Assim glorificaremos Deus. Ora o Senhor declara: «Se alguém Me serve, o Pai o honrará.» (17)

Já esperámos durante muito tempo o regresso do nosso Salvador, mas a promessa não deixa, por isso, de ser certa. Em breve estaremos na Terra prometida. Ali, Jesus nos conduzirá ao longo do rio da vida que emana do trono de Deus, e Ele nos explicará as misteriosas circunstâncias através das quais nos guiou para afinar os nossos caracteres. Ali, de cada lado, veremos as majestosas árvores do Paraíso, e, no meio delas, a árvore da vida. Ali se oferecerá aos nossos olhos a clara visão dos esplendores do Eden restaurado. Ali lançaremos aos pés do Redentor as coroas que Ele terá colocado sobre as nossas cabeças. Depois, fazendo vibrar as nossas harpas de ouro, ofereceremos louvores e acções de graças Àquele que está sentado sobre o trono. (18)

Então, compreenderemos que «Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigénito, para que todo aquele que n'Ele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.» (19)

Temas para reflexão

1. Quais são os principais sinais testemunhando da proximidade da volta de Jesus? Contra que mentirosas proclamações da Sua vinda pôs Cristo os discípulos de sobreaviso?

2. Reflectamos sobre o estado dos mortos e a vinda do Senhor.

3. Como se situam os mil anos de Apocalipse 20 em relação à segunda vinda de Jesus?

4. Meditemos e troquemos os nossos pontos de vista sobre Hebreus 10:35-37.

5. Que forma apresenta hoje Cristo no Céu?

6. Porque desejamos ver Jesus? Simplesmente para que a nossa crença na Sua vinda possa ser assim justificada? Ou porque aspiramos sinceramente encontrar-nos com um Amigo? (Ler I Pedro 1:8)

7. Procuremos analisar o significado dos diferentes títulos atribuídos a Jesus: o Irmão mais velho, o segundo Adão, o Esposo, o Conquistador, o Chefe dos exércitos angélicos, a Pedra de esquina, o Libertador, o nosso Modelo, o nosso Amigo.

8. Que factores contribuíram para retardar a segunda vinda do Senhor?

9. Como poderemos assimilar melhor a literatura adventista que trata dos últimos acontecimentos precedendo a volta de Jesus, como o livro **Preparação para a Crise Final**, de Fernando Chaij?

- (1) Testemunhos Selectos, vol. 3, pág. 257.
- (2) O Grande Conflito, pág. 273.
- (3) O Desejado de Todas as Nações, pág. 617.
- (4) S.D.A. Bible Commentary, comentário de Ellen G. White Luc. 24:39, vol. 5, pág. 1125.
- (5) Testemunhos para Ministros, pág. 19.
- (6) O Desejado de Todas as Nações, pág. 17.
- (7) S.D.A. Bible Commentary, comentário de Ellen G. White sobre Act. 1:11, vol. 6 pág. 1 054.
- (8) Obra citada.
- (9) Actos dos Apóstolos, pág. 33.
- (10) Testemunhos para Ministros, pág. 391.
- (11) O Grande Conflito, págs. 510, 513.
- (12) Parábolas de Jesus, págs. 420, 421.
- (13) Review and Herald, 22 de Outubro de 1908.
- (14) Testemunhos para Ministros, pág. 21.
- (15) O Grande Conflito, págs. 516, 517.
- (16) Obra citada, págs. 517, 518.
- (17) Review and Herald, 7 de Maio de 1889.
- (18) Review and Herald, 3 de Setembro de 1903.
- (19) Review and Herald, 3 de Janeiro de 1907.

SÁBADO 17 DE DEZEMBRO

**OFERTA ESPECIAL DE FIM DE ANO
NO ENCERRAMENTO DA SEMANA DE ORAÇÃO
E SACRIFÍCIO**

A CERTEZA DO SEU REGRESSO

Aflige saber que, se ainda não estamos no Reino dos Céus, é porque ainda não estamos preparados.



Por D. K. BAZARRA

Presidente da União Este-Africana

Louvido seja Deus! A Bíblia não nos deixa na ignorância do que deveriam ser os últimos dias.

O apóstolo Pedro declara que «nos últimos dias virão escarnecedores, andando segundo as suas próprias concupiscências, e dizendo: Onde está a promessa da Sua vinda? Porque, desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação.» (II Pedro 3:3, 4.)

Esta profecia está, com toda a evidência, cumprindo-se aos nossos olhos. Na nossa época, há quem tenha prazer em ridicularizar Deus e as Suas promessas. Muitos dos nossos contemporâneos consideram essa atitude como sinal de erudição, a prova de se pertencer à **intelligentsia** moderna. A situação pode certamente entristecer-nos, mas não nos devemos admirar porque, segundo a Bíblia, esse devia ser um dos sinais precursores do fim. Na verdade, quanto mais aumenta o número dos escarnecedores, mais razões temos para crer na proximidade da volta de Jesus que assinalará a hora da nossa libertação.

O ressurgimento da incredulidade, do próprio ateísmo, nos países de tradição cristã como nos outros, constitui um dos sinais de que o crepúsculo ameaça descer sobre o nosso velho planeta. Se a Providência permite tais coisas, é para nos mantermos alerta. É também para nos incitar a voltar os nossos olhos para um mundo melhor, para a cidade de que Deus é o arquitecto e construtor.

Sem nenhuma dúvida possível, estamos vivendo nos últimos dias, mas aflige saber que, se ainda não estamos no Reino dos Céus, é porque não estamos preparados. «Sei que se o povo de Deus se tivesse mantido em íntima comunhão com Ele, se tivesse obedecido à Sua palavra, estaria hoje na Canaã celeste.» — Ellen G. White, **General Conference Bulletin**, 30 de Março de 1903. «A longa e escura noite é difícil de suportar, mas a manhã está sendo adiada pela misericórdia divina, porque se o Mestre viesse agora, muitos não estariam preparados. A razão desta longa demora é porque o Senhor Se recusa a deixar perecer o Seu povo.» — **Testimonies**, Vol. 2, pág. 194. Assim, na Sua bondade, Deus adiou a volta do Seu Filho, para que vós e eu venhamos a arrepender-nos e que a imagem divina, reflectida no carácter do Salvador, possa ser integralmente reproduzida em nós. Então virá o fim.

A corrupção e toda a espécie de desordens se multiplicam a um ritmo preocupante. Por isso há milhares de crentes sinceros que suplicam a Deus: «Senhor, até quando? Até quando esperarás Tu para conceder a libertação que prometeste por intermédio dos Teus servos os profetas?»

O Salvador não é certamente indiferente às orações do Seu povo. Ele lhe diz: «Sê paciente; tem confiança em Mim por mais um pouco de tempo; Eu venho sem demora.» Com efeito, as condições em que se debate o nosso mundo exigem que Jesus venha brevemente.

Ocupado a vender livros num autocarro, um dos nossos colportores dirigiu-se um dia a um dos passageiros — um asiático — em quem via um possível comprador. Este, agarrado como era às suas crenças orientais, recusou categoricamente, dizendo: «Porque me quer o senhor vender um livro do qual já conheço o conteúdo?» O colporteur reconheceu não compreender bem o sentido da resposta. Com grande surpresa sua, o interlocutor continuou, um tanto rudemente: «Tratando-se de um livro cristão, só pode falar de um homem chamado Jesus e mais nada.»

Apesar da sua atitude negativa, aquele asiático tinha razão: o tema central da Bíblia é mesmo o Homem chamado Jesus, e a boa nova consiste no facto de Ele voltar brevemente a este mundo. A importância desse acontecimento pode medir-se pelas numerosas passagens do Novo Testamento que a ele fazem alusão.

O Senhor afirmou claramente que voltaria. Pouco antes de deixar esta terra, exortou os Seus discípulos a não se deixarem perturbar pela dúvida: «Credeis em Deus, crede também em Mim.» (João 14:1) Estas significativas palavras merecem toda a nossa atenção. É como se o Mestre tivesse dito: Assim como tendes razão em crer na existência de Deus e na imutabilidade do Seu carácter, tende igualmente confiança em Mim. Estas reflexões servem de introdução ao grande assunto da Sua gloriosa vinda apresentado logo a seguir (versículos 2 e 3): «Na casa do Meu Pai há muitas moradas; senão, ter-vos-ia Eu dito que vos iria preparar o lugar onde estareis? Quando Eu tiver ido prepará-lo para vós, voltarei e vos levarei comigo, de maneira que, onde Eu estiver, vós estareis também.» (T.O.B.) Esta promessa foi feita pelo próprio Jesus, e podemos ter plena confiança n'Ele.

«Virei outra vez.» A segunda vinda do Senhor é uma maravilhosa esperança, a única que existe no mundo. Jesus é o Redentor da humanidade e, por conseguinte, a sua única esperança.

«Da mesma maneira»

Mas há uma outra promessa que dá a certeza desta luminosa perspectiva. Quero referir-me àquela que foi feita sobre o Monte das Oliveiras. Nesse dia, o Mestre não deveria demorar-se lá muito tempo em longas orações: tinha chegado o momento de deixar os Seus discípulos e preparar-se para subir ao Céu para junto do Seu Pai. Depois de Se ter despedido dos discípulos, «vendo-O eles, foi elevado às alturas, e uma nuvem O recebeu, ocultando-O a seus olhos». Os discípulos deixaram-se alfiçar, imóveis, com os olhos fixos no

céu. Assim, de um dia para o outro, Aquele a quem tinham aprendido a amar lhes era arrebatado. Repentinamente, o coração daqueles homens se invadiu de tristeza.

Então Deus enviou imediatamente dois dos Seus mensageiros para que levassem aos onze o conforto de que tinham necessidade: «Eis que junto deles se puseram dois varões vestidos de branco, os quais lhes disseram: Varões galileus, porque estais olhando para o céu? Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no Céu, há-de vir assim como para o Céu o vistes vir.» (Actos 1:10, 11.) Nesta circunstância, sentimos mais uma vez quanto o Senhor Se preocupava em dar coragem e confiança aos Seus amados discípulos, lembrando-lhes a promessa da Sua volta. Aquelas palavras tiveram certamente um efeito estimulante.

«Virei outra vez», isto é mais que uma promessa, é um verdadeiro juramento baseado na fidelidade de Deus. Uma promessa e um juramento solemnes que, ao longo dos séculos, têm constituído para o povo de Deus a sua razão de esperar.

No que diz respeito a advertir o mundo da próxima vinda do Salvador, a nossa igreja tem travado um verdadeiro combate da primeira linha. No entanto, decorreram já cento e trinta e três anos desde 1844 e Jesus ainda não voltou.

Alguns interrogarão se não teremos sido vítimas de um equívoco sobre a época da volta do nosso Senhor. Que dizem a este respeito a Bíblia e o Espírito de Profecia? Terá havido adiamento? Se sim, mencionará o Espírito de Profecia explicitamente os motivos do atraso? São estas algumas das questões que vários dentre nós têm procurado disfarçar. Naturalmente temia-se que o simples facto de as apresentar equivallesse a pôr em causa os fundamentos da nossa mensagem. Mas porque recusar encarar de frente as realidades?

A demora explicada

Respondendo a um certo número de objecções, a senhora White deu, em 1883, uma explicação fundamental sobre a demora verificada, ao mesmo tempo que reafirmava a certeza da segunda vinda do nosso Senhor. Em particular, uma das suas declarações, publicada em 1851, parecia indicar que o tempo de graça devia estar quase a expirar: «Vi que o tempo para Jesus permanecer no lugar santíssimo estava quase terminando e esse tempo podia durar apenas um pouquinho mais.» — **Primeiros Escritos**, pág. 58.

Mas, à medida que os anos passavam, houve quem se pusesse a contestar as afirmações de Ellen G. White. A visão da Igreja Adventista ampliava-se a ponto de considerar a possibilidade de proclamar a men-

sagem a todo o mundo, tarefa que até então havia parecido acima das capacidades humanas: como haveria podido uma pessoa inspirada dizer que o tempo estava quase terminado quando, decorridos vários decénios depois disso, a obra que faltava fazer no mundo parecia mais considerável que nunca?

«Os anjos de Deus, nas suas mensagens aos homens, apresentam o tempo como muito breve. Assim ele me tem sido sempre apresentado. É verdade que o tempo tem prosseguido mais do que esperávamos nos primeiros tempos desta mensagem. O nosso Salvador não apareceu tão depressa como esperávamos. Falhou, porém, a palavra do Senhor? Nunca! Devemos lembrar que as promessas e ameaças de Deus são igualmente condicionais.

«Deus confiou ao Seu povo uma obra a ser realizada na Terra. A mensagem do terceiro anjo devia ser proclamada, o espírito dos crentes devia ser dirigido ao santuário celeste, aonde Cristo entrara para fazer expiação por Seu povo. A reforma do sábado devia ser levada avante. A brecha na lei de Deus precisava ser reparada. A mensagem precisava ser proclamada com grande voz, para que todos os habitantes da Terra recebessem a advertência. O povo de Deus precisava purificar a sua alma pela obediência da verdade, e ser preparado para subsistir irrepreensível diante d'Ele na Sua vinda.» — **Mensagens Escolhidas**, livro 1, págs. 67, 68.

Temos o hábito de perguntar: «Quando poderá Ele voltar?» Quando dizemos que O esperamos, não seria mais próprio dizer que **Ele nos espera?**

O facto é que a volta de Cristo poderia ter-se verificado antes de 1883: «Houvessem os adventistas, depois da grande decepção de 1844, ficado firmes na fé, e seguido avante em união no caminho aberto pela providência de Deus, recebendo a mensagem do terceiro anjo e proclamando-a ao mundo, no poder do Espírito Santo, haveriam visto a salvação de Deus, o Senhor haveria cooperado poderosamente com os seus esforços, a obra se haveria completado, e Cristo haveria vindo antes disto para receber o Seu povo para lhes dar o galardão.

«No período de dúvidas e incerteza que se seguiu ao desapontamento, porém, muitos dos crentes no advento abandonaram a fé. Penetraram dissensões e divisões. A maioria opôs-se pela voz e pela pena aos poucos que, seguindo na providência de Deus, receberam a reforma do sábado e começaram a proclamar a mensagem do terceiro anjo. Muitos que deviam haver consagrado tempo e talentos ao único objectivo de fazer soar ao mundo a advertência, achavam-se absorvidos em oposição à verdade do sábado, e, por sua vez, o trabalho dos que o defendiam era necessariamente empregado em responder a esses adver-

sários na defesa da verdade. Assim era a obra prejudicada, e o mundo deixado em trevas. Houvesse todo o corpo de adventistas se unido em torno dos mandamentos de Deus e da fé de Jesus, quão vastamente diversa haveria sido a nossa história!» — **Mensagens Escolhidas** livro 1, página 68.

Sim, a obra de Deus teria podido ser acabada: «Se o povo de Deus tivesse executado o plano do Senhor propagando no mundo a mensagem de misericórdia, Cristo teria já vindo a esta terra, e os santos teriam sido acolhidos na cidade de Deus.» — **Testimonies**, vol. 6, pág. 450. Mas Satanás bem nos ultrapassou em velocidade.

«Se cada soldado de Cristo tivesse feito o seu dever, se cada sentinela colocada sobre os muros de Sião tivesse feito soar a trombeta no momento desejado, o mundo teria já ouvido a mensagem de advertência. Mas a obra está atrasada de vários anos. Enquanto os homens dormiam, Satanás continuava a sua obra e ultrapassava os homens.» — **Témoignages**, vol. 3, pág. 354 (1909).

Deus não é responsável pelo atraso

«Não era a vontade de Deus que a vinda de Cristo fosse assim retardada. Não era designio Seu que o Seu povo, Israel, vagueasse quarenta anos no deserto. Ele prometera levá-lo directamente à terra de Canaã e ali estabeleceu-o como um povo santo, sadio e feliz. Aqueles, porém, a quem havia sido pregado primeiramente, não entraram «por causa da sua incredulidade.» (Heb. 3:19.) Os seus corações encheram-se de murmuração, rebelião e ódio, e Ele não pôde cumprir o Seu concerto com eles.

«Por quarenta anos a incredulidade, murmurações e rebelião excluíram o antigo Israel da terra de Canaã. Os mesmos pecados têm retardado a entrada do moderno Israel na Canaã celeste. Em nenhum dos casos as promessas de Deus estiveram em falta. É a incredulidade, o mundanismo, a falta de consagração e a contenda entre o professo povo do Senhor que nos tem conservado neste mundo de pecado e dor por tantos anos.» — **Mensagens Escolhidas**, liv. 1, págs. 68, 69.

Não imputemos a Deus o facto de a segunda vinda de Jesus dever ter sido adiada. «Talvez tenhamos de permanecer muitos anos mais neste mundo por causa de insubordinação, como aconteceu com os filhos de Israel; mas, por amor de Cristo, o Seu povo não deve acrescentar pecado a pecado, responsabilizando a Deus pela consequência do seu próprio procedimento errado.» — **Evangelismo**, pág. 696.

«De qualquer das maneiras, foi como consequência de falhas humanas —

falta de preparação espiritual, concepções erradas, obra inacabada — que a segunda vinda de Cristo teve de ser diferida.

«Todo o cristão tem o privilégio, não só de esperar a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, como também de apressá-la. Se todos os que professam o Seu nome produzissem fruto para a Sua glória, quão depressa não estaria o mundo todo semeado com a semente do evangelho! Rapidamente amadureceria a última grande seara e Cristo viria recolher o precioso grão.» — **Parábolas de Jesus**, pág. 69.

Durante numerosos anos esperaram os patriarcas a primeira vinda do Redentor. Por tanto tempo, que vários dentre eles foram tentados a pôr em questão a certeza de tal acontecimento e a seriedade das promessas divinas. Entretanto, uma vez que Deus não traiu a esperança e a confiança dos crentes no passado, porque enganaria Ele a igreja dos últimos dias? Não existe nenhuma razão para crer que Deus possa faltar à Sua palavra.

Relembremos as palavras que Jesus deixou aos Seus discípulos: «Virei outra vez.» Podemos estar certos de que Ele não faltará à Sua promessa. Deus faz depender a Sua veracidade da certeza da volta de Jesus. A nossa garantia a tal respeito é tão sólida como o trono do Senhor nos Céus.

Irmãos, esta vinda está próxima. Apesar de ter sido momentaneamente adiada, lembremo-nos das palavras de Pedro: «O Senhor não retarda o cumprimento da Sua promessa, apesar de certos pretenderem que tenha havido atraso, mas Ele dá prova de paciência para convosco, não querendo que alguns se percam, mas que todos cheguem a converter-se.» (II Pedro 3:9, T. O. B.)

Temas para reflexão:

1. Segundo Pedro, que objecção formulariam os escarnecedores contra a segunda vinda de Jesus? (II Pedro 3:4-9.)

2. Já vos aconteceu encontrar alguns desses escarnecedores?

3. Que significam os conflitos sociais e as guerras que assolam o mundo na nossa época?

4. Qual é o tema central no Novo Testamento?

5. Por que séria razão foi a volta de Cristo adiada? Por culpa de quem?

6. De que maneira podemos nós apressar a vinda do Senhor?

7. Quando o Espírito de Profecia declara que as promessas e as advertências de Deus são condicionais, que quer isso dizer?

8. Não é para nós uma bênção o facto de a volta do Mestre ter sido diferida, de modo a termos tido tempo para vir ao mundo?

SEGUNDA-FEIRA, 12 DE DEZEMBRO

PROXIMIDADE DO SEU REGRESSO

— Que horas são no relógio profético de Deus?

— Que horas são no relógio da nossa vida espiritual?



Por J. L. DITBERNER

Presidente da União do Atlântico, América do Norte

Certo jornalista escrevia o seguinte, a propósito da espécie de colaboração dada por um senador ao seu governo: «Ele nem sabe mesmo que dia é nem que horas são. Parece até não ter noção da época em que vivemos. O seu relógio está parado, e ele tem prazer em ver as coisas como eram antes.» Queria o jornalista dizer que aquele parlamentar tinha perdido a noção do que se passava à sua volta. Não vivia a realidade do seu tempo e tão-pouco procurava ver o futuro. Contentava-se com ver as coisas tal como tinham sido no passado e não fazia nenhum esforço para compreender os problemas particulares da sua época.

Quando observamos o mundo em que vivemos e o comparamos com as descrições contidas na profecia, cada um de nós devia fazer a seguinte pergunta: «Será que eu conheço bem a época em que vivo?»

Jesus estava perfeitamente ao corrente do cumprimento do programa

previsto para o Seu ministério. Quando os Seus irmãos insistiram para que fosse à festa dos Tabernáculos em Jerusalém, respondeu: «Subi vós a esta festa; Eu não subo ainda a esta festa, porque ainda o meu tempo não está cumprido.» (João 7:8.) Mas pouco mais tarde, no momento oportuno, Jesus subiu a Jerusalém.

O apóstolo João conta que, noutra altura, depois de uma discussão em público, «procuravam... prendê-lo, mas ninguém lançou mão d'Ele, porque ainda não era chegada a Sua hora.» (João 7:30.) Depois, no capítulo 8, versículo 20, lemos: «Estas palavras disse Jesus no lugar do tesouro, ensinando no templo, e ninguém O prendeu, porque ainda não era chegada a Sua hora.» Esta cronologia dos acontecimentos era importante para Jesus no exercício das Suas funções de Messias.

É interessante destacar uma outra significativa declaração do Salvador, no decorrer duma ulterior conversa-

ção com os Seus discípulos. Era então a festa dos pães sem fermento. Jesus deu-lhes as seguintes instruções: «Ide à cidade, a um certo homem, e dizei-lhe: O Mestre diz: **O Meu tempo está próximo**; em tua casa celebrarei a páscoa com os Meus discípulos.» (Mateus 26:18.)

Algumas horas mais tarde, depois de ter sofrido as aflições da agonia no jardim do Getsemani, disse aos Seus discípulos: «Dormi agora, e descansai. Basta; **é chegada a hora**. Eis que o Filho do homem vai ser entregue nas mãos dos pecadores.» (Marcos 14:41.)

O dia do juízo está próximo

O grande relógio de Deus prossegue a sua marcha, imperturbável. Aproxima-se a hora do juízo. E «Deus, não tendo em conta os tempos da ignorância, anuncia agora a todos os homens, e em todo o lugar, que se arrependam; porquanto tem determinado um dia em que com justiça há-de julgar o mundo, por meio do Varão que destinou; e disso deu a certeza a todos, ressuscitando-O dos mortos.» (Actos 17:30, 31) No Céu, está em curso a instrução do processo. Quando, no momento exacto, soou a hora no relógio divino, o nosso Mediador penetrou no lugar santíssimo do santuário celeste. Desde então, abriram-se as sessões do julgamento, as quais ainda hoje continuam.

Naturalmente, na Sua presciência, Deus sabe quando e de que modo sobrevirá o desfecho final da história deste mundo. No entanto, a Providência julgou não dever dar a conhecer ao homem a data da segunda vinda de Jesus que, quanto a Si mesmo, disse: «Porém daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos do Céu, nem o Filho, mas unicamente Meu Pai.» (Mateus 24:36.) Aos discípulos que tinham procurado informar-se da hora em que Deus deveria estabelecer o Seu reino, o Mestre respondera: «Não vos pertence saber os tempos ou as estações que o Pai estabeleceu pelo Seu próprio poder.» (Actos 1:7.) Assim, é apenas à vista dos sinais precursores da Sua vinda que se pode avaliar a proximidade do Seu regresso. Está fora de questão poder-se saber presentemente a hora em que se produzirá esse grandioso acontecimento.

Também não devemos pensar que a volta de Cristo haja de ocorrer num momento da história fixado arbitrariamente por Deus, como se o homem não pudesse contribuir em nada para retardar ou apressar a Sua vinda. Como o irmão D. K. Bazzara nos lembrou na sua comunicação de ontem, Ellen White, aludindo à segunda vinda de Jesus, diz que ela teve de ser adiada: «A longa e escura noite é difícil de suportar, mas a manhã está sendo adiada pela mi-

sericórdia divina, porque se o Mestre viesse agora, muitos não estariam preparados. A razão desta longa demora é porque o Senhor Se recusa a deixar perecer o Seu povo.» — **Testimonies**, vol. 2, pág. 194. No entanto, a serva do Senhor insiste também na proximidade do acontecimento: «Mas a chegada da manhã para aquele que é fiel, e da noite para o infiel, está diante de nós.» — **Obra citada**, pág. 194.

Apressar a vinda do Senhor

Por outro lado, encontramos também, da pena de Ellen White, o seguinte: «Todo o cristão tem o privilégio, não só de esperar a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, como também de apressá-la.» — **Parábolas de Jesus**, pág. 69. É deste ponto de vista que devemos analisar os sinais da volta de Jesus.

A propósito da criminalidade nos Estados Unidos, a Sr.^a Clare Boothe Luce, que foi membro do Congresso americano, escreveu recentemente:

«Os anos 60 e 70 foram igualmente assinalados por um forte recrudescimento do alcoolismo e do uso da droga, especialmente entre jovens. O impressionante número de 25 000 acidentes de viação graves registados em 1975 deve-se em grande parte a condutores embriagados ou drogados. No decurso deste último decénio, a divulgação legal de filmes eróticos e a venda organizada de artigos pornográficos atingiram um movimento de vários biliões de dólares. Quanto ao número de violações de que se tem conhecimento, é nitidamente mais elevado nos Estados Unidos que na Inglaterra ou no Japão. Se o aumento actual do crime, do alcoolismo, do uso de estupefacientes e da comercialização do sexo se mantiver até 1996, a América tornar-se-á a sociedade mais alcoólica, a mais intoxicada, a mais imoral e a mais criminosa do globo.»

É certamente o momento de nos lembrarmos da advertência do apóstolo:

«Toma bem sentido de que nos esperam tempos difíceis. O período final da história deste mundo será uma época perigosa e conturbada.

«Os homens serão egoístas, gananciosos, exclusivamente preocupados consigo mesmos: com as suas riquezas, com as suas realizações, com as suas pretensões; serão, além disso, arrogantes, cobiosos, invejosos, blasfemadores e maldizentes. Já não terão respeito aos pais, nem reconhecimento, nem piedade nem afecto. Sem coração e sem fé, serão incapazes de se disciplinar, entregarem-se-ão desenfreadamente à paixão e à imoralidade. Cruéis, descarados e brutais, agirão sem piedade alguma. Serão indiferentes diante dos valores morais, odiarão os que fazem o bem

e estarão prontos a todas as traições e a todas as insolências. Aventurosos e frívolos, cheios de si mesmos, inchados de um orgulho que os há-de cegar, amarão os prazeres mais do que a Deus. A volúpia e os divertimentos encher-lhes-ão a alma e ocuparão o lugar de Deus.

«E certo que continuarão agarrados às tradições exteriores da religião e, para manter a fachada, conservarão a aparência da piedade, mas, na realidade, não quererão saber nada do que constitui a força dela, não lhe permitirão que exerça qualquer influência na sua vida; por isso a conduta deles desmentirá a sua profissão de fé.

«Afasta-te de tais pessoas...» (II Timóteo 3:1-5, transcrição moderna das epístolas de Paulo, por Alfred Kuen.)

Um dos maiores chefes políticos do mundo actual emitiu a seguinte advertência: «Existem, segundo me parece, pelo menos duas nuvens que pairam sobre o nosso futuro, do mesmo modo que sobre o futuro deste mundo. Por cima de tudo, está a espada de Dâmocles da guerra nuclear. Não podendo afastar esse imenso e terrível perigo, as perspectivas para o nosso planeta e todos os seus dirigentes... são extremamente sombrias. A destruição nuclear instantânea faz pesar uma ameaça, da qual o mínimo que se pode dizer é que constitui obstáculo à liberdade humana. Em última análise, tal acontecimento pode significar a última fase da civilização como nós a conhecemos. A energia nuclear não é o futuro castigo da humanidade, mas já é isso que ela hoje representa e não há qualquer modificação à vista.»

Segundo a Bíblia, chegará o tempo de Deus «destruir os que destroem a terra». (Apocalipse 11:18.)

Dez anos que abalaram o mundo

Num artigo intitulado «Dez anos que abalaram o mundo», em que os autores recapitulavam os acontecimentos mundiais desde o assassinato do presidente John Kennedy em 1963, podem-se ler as seguintes linhas: «Alguns historiadores pensam que talvez nunca tenha havido outro decénio semelhante a este em toda a história do país.» O artigo em questão põe em evidência os progressos científicos realizados no domínio das viagens interplanetárias, das telecomunicações por satélite, dos ordenadores gigantes, das previsões meteorológicas e da utilização do raio laser. Os autores mencionam também o desafio lançado às igrejas organizadas, quanto a saber se estas cumprem efectivamente o seu mandato. Evocam os problemas raciais, o movimento de libertação da mulher, o erotismo, e as preocupações que surgem no plano da vida familiar. Falam da violência, da considerável extensão da crimina-

lidade dos terríveis efeitos da droga sobre o cérebro, das revoltas no meio universitário e de tudo que contribui para esombrar a imagem da nossa sociedade actual. Concluem com as seguintes palavras: «Já não estamos na época das revoluções de tipo clássico. Entramos numa fase nova de mutação para a história humana. O mundo encontra-se na véspera de modificações mais dramáticas nas suas consequências históricas e humanas do que aquelas que resultaram das revoluções francesa e bolchevista.

Acrescentemos a esta análise um extracto de **Testemunhos Selectos**, vol. 3, pág. 280. «Vivemos no tempo do fim. Os sinais dos tempos, a cumpriram-se rapidamente, declaram que a vinda de Cristo está próxima, às portas. Os dias em que vivemos são solemnes e importantes. O Espírito de Deus está, gradual mas seguramente, sendo retirado da Terra. Pragmas e juízos estão já caindo sobre os desprezadores da graça de Deus. As calamidades em terra e mar, as condições sociais agitadas, os rumores de guerra, são portentosos. Prenunciam a proximidade de acontecimentos da maior importância.

«As forças do mal estão-se arremetendo e consolidando-se. Elas se estão robustecendo para a última grande crise. Grandes mudanças estão prestes a operar-se no mundo, e os acontecimentos finais serão rápidos.»

O profeta faz alusão a grandes mudanças que se devem operar em breve. Se compararmos os acontecimentos que se realizam aos nossos olhos com as indicações contidas na profecia, só podemos chegar à seguinte conclusão: está quase a soar a meia-noite. Há homens de Estado e cientistas literalmente esmagados pela enormidade dos problemas mundiais, confessando-se incapazes para os resolver. Ora isto está em perfeita harmonia com as predições mencionadas no terceiro volume dos **Testemunhos Selectos**, pág. 282: «Não existem muitos, mesmo entre educadores e estadistas, que compreendam as causas que servem de base para o presente estado da sociedade. Os que têm nas mãos as rédeas do governo não são capazes de resolver o problema da corrupção moral, da pobreza, miséria e crime avolumantes. Estão lutando debalde para colocar as operações comerciais sobre base mais firme.»

Apesar de tudo isto, embora o futuro pareça ameaçador, longe de perder a coragem, devemos inspirar-nos nas palavras do Senhor: «Quando estas coisas começarem a acontecer, olhai para cima e levantai as vossas cabeças, porque a vossa redenção está próxima.» (Lucas 21:28.)

Uma análise lúcida

Há alguns anos, cerca de setenta especialistas, representando vinte e cinco países, reuniram-se para exa-

minar o problema posto pela vida futura no nosso planeta. O estudo daqueles homens incidiu sobre cinco aspectos da questão: o desenvolvimento da industrialização levado ao extremo, a explosão demográfica, o alastramento da subnutrição, o esgotamento dos recursos naturais não renováveis e a deterioração do ambiente. Se qualquer destes perigos não pudesse ser dominado, o mundo estaria condenado ao desastre. Nesta ordem de ideias, U Thant, que foi secretário geral das Nações Unidas, escrevia em 1969:

«Eu não desejaria dramatizar, mas a única conclusão que posso tirar das informações em meu poder é que restam às nações membros da ONU apenas dez anos para esquecerem as suas velhas discussões e associar-se para pôr termo à corrida aos armamentos; para salvar o ambiente, para travar a expansão demográfica e para dar o necessário impulso ao desenvolvimento dos países menos privilegiados.

«Se não se conseguir chegar a este acordo durante o próximo decénio, tempo bastante que os problemas por mim mencionados tenham tomado uma tal amplitude que seja totalmente impossível dominá-los.»

Se U Thant tem razão, a humanidade chegará em breve ao fim da sua história.

Sinais na Igreja

Consideremos agora um sinal que se pode observar dentro da própria Igreja, e que foi ontem apontado pelo irmão D. K. Bazarra: «Por quarenta anos a incredulidade, murmurações e rebelião excluíram o antigo Israel na Canaã celeste. Em nenhum dos casos as promessas de Deus estiveram em falta. É a incredulidade, o mundanismo, a falta de consagração e a contenda entre o professo povo do Senhor que nos tem conservado neste mundo de pecado e dor por tantos anos.» — **Mensagens Escolhidas**, livro 1, págs. 68, 69.

Segundo este texto, pelo facto de o cepticismo, o mundanismo, a falta de consagração e as dissensões fazerem a sua obra de devastação no seio do nosso movimento, os nossos membros cumprem eles mesmos a profecia em questão.

Manifestamos nós um espírito de mundanismo? Somos despreocupados? Existem desentendimentos ou tensões entre os membros das nossas igrejas? Cremos sinceramente naquilo que pregamos? Vivemos uma dupla vida? Recordemos as palavras do Apóstolo Paulo: «Tendo a aparência da piedade, mas negando a eficácia dela.» (II Timóteo 3:5.) Será conveniente que, na nossa qualidade de membros de igreja, façamos uma séria revisão da nossa própria vida para ver se não estaremos a dar cumprimento à predição de Ellen White a que acabamos de

fazer referência, em vez de cumprir aquela que se encontra no Apocalipse: «Aqui está a paciência dos santos, aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus.» (14:12.)

«Estamos vivendo no período mais solene da história deste mundo. O destino das imensas multidões da Terra está prestes a decidir-se. O nosso próprio bem-estar futuro, e também a salvação de outras almas, dependem do caminho que agora seguimos. Necessitamos ser guiados pelo Espírito de verdade. ... Cumpre-nos buscar agora uma experiência profunda e viva das coisas de Deus. Não temos um momento a perder. Acontecimentos de importância vital estão a ocorrer em redor de nós; estamos no terreno encantado de Satanás. Não durmais, sentinelas de Deus; o adversário está perto, de emboscada, pronto para em qualquer momento, caso vos torneis negligentes e sonolentos, saltar sobre vós e fazer-vos sua presa.» — **O Grande Conflito**, pág. 483.

Que se passa com a vossa própria experiência espiritual? O vosso «relogio» não terá parado, uma vez que, desde há algum tempo, vos sentis satisfeitos convosco mesmos, com a conduta da vossa vida? Terá parado o movimento da vossa vida cristã desde o momento do vosso baptismo? Ou tereis feito progresso dia após dia?

Quanto tempo nos resta? Não o sabemos. «Eis a razão por que, vós também, deveis estar preparados, pois é à hora que não conheceis que o Filho do homem vai voltar.» (Mateus 24:44, T. O. B.)

Temas para reflexão:

1. Porque não há mais pessoas que reconheçam que Jesus é o Cristo?

2. Durante a vossa própria existência, a que acontecimentos já tivestes ocasião de assistir no mundo? Não vos levam eles a acreditar que a vinda do Senhor está próxima?

3. Porque não escutaram os contemporâneos de Noé as suas advertências?

4. Segundo Apocalipse 11:18, que nefasta obra estarão os homens fazendo no momento em que Jesus voltar? Não será o que uma grande parte da humanidade já está fazendo?

5. Segundo a passagem extraída de **Testemunhos Selectos**, pág. 282, atrás citada, poder-se-á esperar uma melhoria da situação mundial?

6. Por que motivo foi diferida a entrada do povo de Israel na terra prometida?

7. Porque somos nós retidos tanto tempo neste mundo de pecado? Ler **Mensagens Escolhidas**, livro 1, págs. 68, 69.

O OBJECTIVO DO SEU REGRESSO

Sem a segunda vinda de Jesus, o plano de Deus ficaria por acabar.



Por **CLYDE O. FRANZ**
Secretário da Conferência Geral

No livro do Génesis, Deus é-nos apresentado como fazendo a obra de um cultivador. Não a de um simples hortelão que se contentasse com cultivar alguns legumes, mas a de um proprietário que «fez brotar da terra toda a árvore agradável à vista, e boa para comida». Génesis 2:9.) Faça evidentemente alusão ao maravilhoso jardim que o Senhor plantou no Éden. (Versículo 8.)

É naturalmente impossível de imaginar que Deus criasse este jardim para uso pessoal. Era antes Seu desígnio oferecer alegrias particulares a novas inteligências. Foi por isso que Deus disse: «Façamos o homem à Nossa imagem, conforme à Nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra.» (Génesis 1:26.)

A criação do mundo e a de Adão não se fizeram em segredo. «A criação do mundo e a do homem suscitavam uma classe nova e distinta. Tinham sido criados 'à imagem de Deus', e, conforme o plano do Criador, deviam povoar a terra.» — Ellen White, *Review and Herald*, 11 de Fevereiro de 1902.

Qual era pois o desígnio de Deus quando criou a terra e a revestiu de beleza, e quando colocou o homem e a mulher no Paraíso? Desejava que os seres humanos experimentassem

alegria e satisfação em participar do Seu carácter de amor. «O Seu propósito na Criação era que a Terra fosse habitada por seres cuja existência seria uma bênção para si mesmos e de uns para com outros, e uma honra para o seu Criador.» — **Profetas e Reis**, pág. 500. Por outras palavras, Deus desejava que a família humana crescesse e vivesse em paz e amor, em harmonia e felicidade.

Mas eis que o pecado, um elemento estranho, se intrometeu um dia neste ambiente ideal. Naturalmente, o pecado não fazia parte do desígnio original de Deus; no entanto, Ele tinha previsto o seu aparecimento. E, apesar de o mal continuar a sua obra sinistra, semeando por toda a parte a confusão, o ódio, a angústia e a morte, não se deve por isso esquecer o desígnio original de Deus. Quando o pecado apareceu, o Altíssimo pôs em execução o Seu plano providencial em favor do homem e da sua felicidade. No momento oportuno, o Filho de Deus, que havia criado os esplendores do jardim do Éden, deixou as cortes celestiais para vir ao próprio mundo que tinha sido traumatizado e quase destruído pelo pecado. Veio para tornar possível a sua restauração.

Por causa do pecado, o homem estava sob o peso duma sentença de morte. Mas Aquele que é ao mesmo tempo o seu Criador e Redentor de-

clara: «Eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância.» (João 10:10) Durante trinta e três anos e meio viveu Ele sem pecado, depois morreu sobre a cruz para que o homem pudesse ser liberto das consequências do pecado. Durante toda a Sua vida, Jesus teve em mente um objectivo bem determinado. «Convém que Eu faça as obras d'Aquele que Me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar.» (João 9:4) A hora a que Jesus jazia inerte, no sepulcro de José de Arimateia, os discípulos podiam ter a impressão de que o plano de Deus estava de novo sofrendo um desaire, e que o reino prometido não passava de uma ilusão.

Difícil nos é imaginar a mudança que a ressurreição do Mestre produziu no pensamento deles. Depois da Sua ascensão, foram grandemente reconfortados rememorando as promessas que Ele dirigira pouco antes da Sua crucificação: «Não se turbe o vosso coração... Há muitas moradas na casa do Meu Pai. Se assim não fosse, ter-vos-ia Eu dito: vou preparar-vos um lugar? e se vos vou preparar um lugar, virei novamente para vos reunir junto de Mim, a fim de que, onde Eu estiver, estejais vós também.» (João 14:1-3, versão Chouraqui.) Sem dúvida que os discípulos devem ter muitas vezes relembrado esta promessa uns aos outros, tirando dela, continuamente, coragem e esperança. Como se devem ter regozijado com a ideia de que Jesus lhes fora preparar um lugar na casa do Pai!

* * *

O plano de Deus atravessa, como um longo fio dourado, a história do nosso planeta tão pequenino em comparação com a imensidade do universo. O Ser supremo criou o mundo com um objectivo preciso. Quando Cristo veio, há quase dois mil anos, foi igualmente com um objectivo bem particular. E quanto à Sua segunda vinda? Se quisermos examinar bem em profundidade, a volta de Jesus é motivada por múltiplas razões. Examinaremos apenas algumas delas.

A razão mais evidente

Levar consigo e introduzir no Seu reino os que tiverem aceitado pessoalmente a sua salvação é o motivo mais evidente para a volta de Jesus. Viveram como estrangeiros em território inimigo; mas, agora, os proscritos serão recebidos novamente em casa. (Ver **O Grande Conflito**, pág. 243.)

«Ele enviará os Seus anjos com rijo clamor de trombeta, os quais ajuntarão os Seus escolhidos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus.» (Mateus 24:31.) Essa reunião dos remidos eleitos

é uma das principais razões da volta de nosso Senhor.

Ele voltará para cumprir as Suas promessas feitas aos crentes fiéis de todos os tempos: «Desde o dia em que o primeiro parolveu os entristecidos passos para fora do Éden, os filhos da fé têm esperado a vinda do Prometido, para quebrar o poder do destruidor e de novo levá-los ao Paraíso perdido.

«Santos homens de outrora aguardavam o advento do Messias em glória, para a consumação da sua esperança.» — **Obra citada**, pág. 243.

Enoc, Job, David, Isaías, Habacuque e muitos homens de Deus da Antiga Aliança esperaram a Sua vinda. Por seu lado, os discípulos que assistiram à Sua ascensão sobre o monte das Oliveiras ouviram os mensageiros celestes confirmar a promessa do Salvador: «Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no Céu, há-de vir assim como para o Céu o vistes ir.» (Actos 1:11.) Assim, Jesus veio para cumprir as promessas feitas no passado e para levar a palavra profética ao seu cumprimento final. Um dos objectivos mais importantes da Sua segunda vinda visa restaurar o reino de Deus. Desta vez, Ele não se apresentará como uma criança nascendo num estábulo, mas voltará na qualidade de soberano do universo. Então se poderá dizer a Seu respeito: «Os reinos do mundo vieram a ser do nosso Senhor e do Seu Cristo, e Ele reinará para todo o sempre.» (Apocalipse 11:15.)

Como vimos, Deus plantou o jardim do Éden; do mesmo modo, Ele se prepara agora para fundar um novo «jardim», um reino destinado a substituir aquele que Satanás arrebatou injustamente. Aproxima-se a hora em que se estabelecerá definitivamente o reino da Sua glória. Então, «o reino, e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo.» (Daniel 7:27.)

A separação dos justos e dos injustos constitui outro motivo para a vinda de Jesus. Tanto uns como outros cresceram juntos, como o joio no meio do trigo. Mas agora chegou a hora da colheita. O Senhor faz igualmente alusão a este acontecimento quando fala da separação das ovelhas do meio dos bodes: «E quando o Filho do homem vier em Sua glória, e todos os santos anjos com Ele, então Se assentará no trono da Sua glória; e todas as nações serão reunidas diante dele, e apartará uns dos outros como o pastor aparta dos bodes as ovelhas; e porá as ovelhas à Sua direita, mas os bodes à esquerda.» (Mateus 25:31-33.)

Os reprovados destinam-se a ser destruídos. No fim do milénio, ressuscitarão por um breve tempo. É nessa altura que a sentença final lhes será aplicada. Então; pecado e pecadores serão juntamente consumidos, e os

últimos vestígios do pecado serão eliminados do universo.

O aparecimento do Salvador voltando sobre as nuvens dos céus espalhará o pânico e a morte entre os pecadores endurecidos. Mas, para os eleitos, a contemplação do Cristo glorioso suscitará uma inexprimível alegria, pois o Seu aparecimento será o sinal da libertação. E ainda mais, terá chegado a hora de receberem o reino. Até então terão sido apenas herdeiros **em potência**; mas a partir desse dia entrarão realmente na **posse real** da herança prometida: o reino da glória. (Ver **Obra citada**, pág. 349.)

Durante muito tempo o mundo teve de viver sob o domínio de Satanás, mas então será inaugurado o reino da justiça.

Cristo volta com poder e majestade, marcando assim a vitória definitiva dos resgatados.

Os justos trasladados

Jesus vem igualmente para trasladar os eleitos que terão sobrevivido neste mundo até à Sua volta. Noutros termos, eles serão transferidos da Terra para o Céu sem passar pela morte. A Bíblia relata dois factos que provam que Deus pode trasladar as as Suas criaturas. Assim, segundo a epístola aos Hebreus, capítulo 11, versículo 5, «pela fé Enoc foi trasladado para não ver a morte, e não foi achado, porque Deus o trasladara». Aliás, a propósito deste patriarca, diz-nos o Espírito de Profecia: «Durante três séculos andara com Deus. ...Estivera no limiar do mundo eterno, havendo apenas um passo entre ele e o país da bem-aventurança, e, agora, abriram-se os portais; o andar com Deus durante tanto tempo praticado na terra continuou, e ele passou pelas portas da santa cidade — o primeiro dentre os homens a entrar ali.» — **Patriarcas e Profetas**, pág. 84.

Temos outro exemplo de trasladação imediata: a de Elias. Com efeito, Deus fez mais do que trasladá-lo; permitiu a Pedro, a Tiago e a João que o vissem — assim como Moisés — sobre a montanha da transfiguração.

Enoc e Elias representam aqueles que, dentre os justos, serão encontrados vivos por ocasião da vinda do Senhor, e de quem o apóstolo Paulo escreve que serão transformados «num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta.» (I Coríntios 15:51, 52.)

A primeira ressurreição

Enfim, o Mestre volta para ressuscitar os justos que terão passado pela morte antes da Sua vinda gloriosa. Efectivamente, no decorrer dos séculos, inumeráveis sepulturas se têm aberto e fechado sobre um verdadeiro

exército de crentes, mas chegará a hora em que estes ouvirão a voz do seu Senhor que os há-de chamar à vida para sempre. Que empolgante espectáculo será vê-los levantar-se, cheios de força, cantando louvores ao seu Redentor: «Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó interno, a tua vitória?» (I Coríntios 15: 55.) Então, espontaneamente, eles se reunirão à imponente coorte dos resgatados.

Vários membros da igreja de Tessalónica tinham procurado saber o que aconteceria aos seus irmãos mortos enquanto aguardavam a volta de Jesus. Eis como Paulo se esforçou por dissipar as suas apreensões: «Não queremos, irmãos, deixar-vos na ignorância acerca dos mortos, para que não sejais como os outros, que não têm esperança. Se efectivamente cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também, os que morreram, Deus os tornará a trazer por meio de Jesus e juntamente com Ele. Isto é o que vos dizemos, segundo o ensino do Senhor: nós, os vivos, que tivermos ficado até à vinda do Senhor, de modo nenhum precederemos os que morreram, porque Ele mesmo, o Senhor, quando for dado o sinal, à voz de arcanjo e ao som da trombeta de Deus, descera do Céu: então os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois nós, os vivos, que tivermos ficado, seremos levados com eles sobre as nuvens, ao encontro do Senhor, nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor. Reconfortai-vos pois uns aos outros por meio deste ensino.» (I Tessalonicenses 4: 13-18, T. O. B.)

Que exaltante e reconfortante perspectiva! Quer o crente esteja morto ou vivo por ocasião da parusia, o seu privilégio será finalmente o mesmo: os justos — trasladados ou ressuscitados — serão todos levados ao encontro do Rei dos reis.

Quando Cristo aparecer, Deus «dará o último toque de imortalidade» reservada aos eleitos. (Ellen G. White, **Carta 18**, 1894.) A este propósito, a serva do Senhor diz que eles serão «revestidos duma imortalidade gloriosa». Sim, os resgatados receberão a coroa da imortalidade. Eles serão «transformados em vista da imortalidade». Serão «dotados da virtude da imortalidade».

Mas essa prodigiosa experiência não poderá ser adquirida ou merecida por esforços humanos; tão-pouco é o fruto das nossas obras, por melhores que estas sejam. É um efeito do favor gracioso e ilimitado do nosso Pai celeste.

Não é maravilhoso que Deus nos tenha dado, a nós, fracos mortais, a possibilidade de ser um dia revestidos da imortalidade? Não diz Paulo que «a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herda a incorrupção» (I Coríntios 15:50)? Mas, por Jesus, que tem a vida em Si mesmo (João 5:26), nos

A NOSSA PREPARAÇÃO PARA O SEU REGRESSO

O Senhor tomou todas as disposições necessárias para que cada um de nós possa herdar a Salvação



Por N. R. DOWER
Secretário da Associação Pastoral
da Conferência Geral

«O Senhor não retarda a Sua promessa, ainda que alguns a têm por tardia; mas é longânimo para conosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se.» (II Pedro 3:9.)

Este texto, que comove por várias razões, contém simultaneamente uma

profecia e uma promessa. Evoca um aspecto do carácter de Deus que nos desperta a alegria no coração e nos impele a testemunhar-Lhe a nossa gratidão.

Quais são as ideias sobre que incide esta mensagem? Em primeiro lugar é esta: Deus recusa-Se a admi-

tir que alguém se perca. Seguidamente, Ele quer que todos cheguem ao arrependimento.

O Senhor tomou todas as disposições necessárias para que cada um de nós possa herdar a salvação: Deus «quer que todos os homens se salvem» (I Timóteo 2:4). Pelo sacrifício da Sua vida e morte, Jesus pagou completamente o preço da redenção de todos aqueles que já viveram, vivem ou viverão ainda neste mundo. Portanto, se alguém finalmente se perder, tal facto não será devido a que Deus tenha negligenciado prover tudo quanto era necessário para a sua salvação. Pelo contrário, Ele terá feito o máximo, mesmo o impossível, para o salvar.

Quantas vezes não tenho eu ouvido o meu pai orar em voz alta! Mas, que eu saiba, em nenhuma ocasião deixou de exprimir estes dois pensamentos: «Senhor, damos-Te graças por não nos tratares segundo os nossos pecados e não nos punires segundo as nossas iniquidades. Damos-Te louvores pela Tua paciência para conosco, não querendo que alguns se percam, mas que todos venham a arrepender-se.» A lembrança desta oração marcou-me profundamente. Tem sido para mim uma fonte de coragem através dos anos.

Detenhamo-nos agora mais demoradamente no capítulo 3 da segunda epístola de Pedro. Procuraremos compreender o ensinamento contido nesta passagem concernente à nossa preparação pessoal para a volta de Jesus.

Este capítulo comporta três partes que têm a ver com a vinda do Senhor. Cada uma delas é introduzida pela expressão: «Amados, e seguida por um ardoroso apelo do escritor sagrado.

«Amados, escrevo-vos agora esta segunda carta... para que vos lembreis das palavras que primeiramente foram

é oferecida a bem-aventurada esperança da imortalidade.

Assim, o plano de Deus acabará por se realizar: a humanidade resgatada atingirá finalmente o estado de santidade que o Senhor tinha em vista para Adão e Eva. Mais ainda: temos a promessa de que o mal não voltará a aparecer: «O Universo todo terá sido testemunha da natureza e resultados do pecado. E o seu completo extermínio, que no princípio teria acarretado o temor dos anjos, desonrando a Deus, reivindicará agora o Seu amor e estabelecerá a Sua honra perante a totalidade dos seres que se deleitam em fazer a Sua vontade, e em cujo coração está a lei divina. Jamais o mal se manifestará de novo. Diz a palavra de Deus: «Não se levantará por duas vezes a angústia.» A lei de Deus, que Satanás increpara

de jugo de servidão, será honrada como a lei da liberdade. Uma criação experimentada e provada nunca mais se desviará da fidelidade para com Aquele cujo carácter foi perante eles amplamente manifesto como expressão de amor insondável e infinita sabedoria.» — **O Grande Conflito**, pág. 404.

Uma questão continua de pé: Em que medida estamos nós dispostos a aceitar pessoalmente o plano de Deus a nosso respeito? Aconteça o que acontecer, mais tarde ou mais cedo os Seus desígnios cumprirão-se. Possa o Seu povo levar a boa nova da volta de Jesus a toda a terra, a fim de que em breve, muito em breve, esses desígnios se realizem! «Amen! Ora vem, Senhor Jesus!» (Apocalipse 22:20.)

Temas para reflexão:

1. Que objectivo visava Deus ao criar a terra e o género humano?

2. Que solução alternativa tinha Deus previsto para o caso em que o homem viesse a cair no pecado? Poder-se-á imaginar que esse plano fracasse?

3. Meditar na passagem de João 14:1-3, e especialmente na ideia de que Jesus foi para junto do Seu Pai a fim de nos preparar um lugar. Que implica essa obra de preparação?

4. Que textos da Bíblia nos garantem que Deus quer e pode ressuscitar ou trasladar os crentes fiéis?

5. Como se define a imortalidade? Será ela adquirida para sempre?

ditas pelos santos profetas, e do mandamento do Senhor e Salvador, mediante os vossos apóstolos.» (Versículos 1 e 2.) Neste passo, somos exortados a estudar a Palavra de Deus como se nos apresenta nos dois Testamentos. As «palavras que primeira-mente foram ditas pelos santos profetas», isto para o Antigo. O «mandamento do Senhor e Salvador, mediante os vossos apóstolos», isto para o Novo Testamento.

Houve sempre pessoas procurando desacreditar as Santas Escrituras. Em toda a parte tem o livro de Deus sofrido ataques provenientes de diversas formas de filosofia. Há reservas no tocante à inspiração, à historicidade e à credibilidade dos escritos bíblicos, incluídos na maioria dos manuais destinados à formação do homem moderno. E é triste ter que dizer que os ataques mais difíceis que a Igreja tem tido que enfrentar lhe têm sido movidos pela própria cristandade. Mas esse é apenas um dos aspectos. Mil e uma espécie de sofismas pululam neste mundo. Estes manifestam-se em todos os aspectos da vida e em todas as classes da sociedade. Virá o dia — se é que ainda não veio — em que já não nos poderemos fiar unicamente nos nossos sentidos, nas nossas impressões, nas nossas emoções. A nossa única salvaguarda será mantermo-nos firmemente seguros a um «Assim diz o Senhor»; agarrarmo-nos resolutamente a essa ideia, mesmo que todas as evidências do mundo pareçam desmentir a nossa fé na Palavra de Deus.

É por isso que Pedro nos convida com tanta insistência a recordar as palavras que os profetas e os apóstolos nos transmitiram. Sim, precisamos de verdadeiramente impregnar o nosso espírito do texto sagrado. Não devemos hesitar em mergulhar no estudo da Bíblia com um interesse pelo menos igual ao de uma pessoa que se entrega à leitura de um livro favorito. Se simplesmente tivéssemos a coragem de reservar uma parte do tempo que passamos com coisas de menor importância, até mesmo fúteis, para estudar a Bíblia! Então mereceríamos ser de novo chamados «o povo do Livro», como aconteceu com os nossos pioneiros.

Devido às seduções e manhas tramadas pela besta, o dragão e o falso profeta, o povo de Deus terá de enfrentar a maior prova que a sua fé jamais conheceu. Unicamente o poder do Espírito Santo, capaz de imprimir a palavra divina nos nossos corações, nos permitirá suplantar essa prova e manter a nossa fé intacta.

Mas não é esta a única razão por que o apóstolo nos exorta a deixarmos penetrar pelas palavras transmitidas pelos homens de Deus da Antiga

e da Nova Aliança. Existe uma segunda indicada nos versículos 3 e 4: «Sabendo primeiro isto: que nos últimos dias virão escarnecedores, andando segundo as suas próprias concupiscências e dizendo: Onde está a promessa da Sua vinda? Porque desde que os pais dormiram todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação.»

Temos citado muitas vezes esta passagem para mostrar que vivemos nos últimos dias. Consideremos hoje uma vez mais esses escarnecedores de que falam os versículos 3 a 7.

Em primeiro lugar, o texto diz-nos que eles andam «segundo as suas próprias concupiscências». Segundo outra versão, são «homens que vivem ao sabor das suas paixões» (transcrição moderna por Alfred Kuen).

Meus irmãos, o povo de Deus também corre o risco de andar ao sabor das suas paixões. Não existem em nós aspirações carnisais que estão em conflito com os desejos do Espírito? O desejo de saciar os nossos apetites sensuais não tem o efeito de neutralizar a nossa comunhão com Cristo?

No momento em que o vício demasiadamente exibido nos filmes penetra até ao interior dos nossos lares por intermédio da televisão, não será oportuno lembrar aqui «a concupiscência dos olhos» (I João 2:16)?

Há alguns anos caminhava eu, acompanhado com uma crente cega, pelo meio de um terreno plantado com flores. As suas cores eram tão frescas, tão brilhantes que, por inadvertência, exclamei: «São mesmo belas!» Não compreendendo do que eu estava a falar, a irmã cega perguntou-me: «De que se trata?» Procurei então descrever, para uma pessoa cujos olhos nunca tinham visto a luz do sol, a beleza das flores que estavam na nossa frente. Mas não tardei a me aperceber de que isso era simplesmente impossível. Finalmente, um pouco entristecido, disse-lhe: «Irmã Maria, terá de esperar que Jesus venha para poder apreciar um espectáculo semelhante ao que tentei descrever-lhe.»

Imediatamente ela me respondeu: «Não se preocupe por minha causa, irmão Dower; quando penso em todas as tentações que me são evitadas, e que o irmão tem que enfrentar por ter vista, sou eu que tenho que ter pena de si!»

Na mesma passagem da primeira epístola de João, o autor inspirado fala também da «soberba da vida» que pode ser igualmente para nós uma causa de cair. De qualquer modo, os incrédulos escarnecedores não são manifestamente os únicos que se deixam dominar pela concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e o orgulho da vida». Podem muito bem ser igualmente membros de igre-

ja que gozem de uma boa reputação no nosso meio.

Além disso, esses escarnecedores põem em causa a certeza da vinda de Jesus: «Ora, essa vinda prometida! Para quando é isso?» (Versão Alfred Kuen.) Com certeza, temos na Igreja membros que crêem que Jesus deve voltar; mas já esperaram durante tanto tempo e ficaram tantas vezes desapontados que acabaram por duvidar da proximidade desse acontecimento. Tirando de certo modo o melhor partido da situação, tais pessoas adiam sempre para mais tarde as decisões vitais que deveriam tomar a fim de estar preparadas para a volta do Senhor.

Outra característica dos tais escarnecedores: têm **uma certa consideração pelos «pais»**. Note-se a este respeito o que diz o versículo 4. Eles não parecem desprezar completamente os patriarcas da Bíblia e os outros escritores do Antigo Testamento.

Acreditam sem dúvida numa criação; mas porque constataam a sucessão dos dias, das noites e das estações, em resumo que nada está mudado desde que o mundo é mundo, concluem que sempre assim há-de ser: «Porque desde que os pais dormiram todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação.» Em tais condições, porque nos haveríamos de entusiasmar com a ideia de que Jesus volta brevemente?

Estes escarnecedores recusam deliberadamente certas verdades atestadas pela revelação:

1. A narrativa bíblica da criação (versículo 5).
2. A destruição do mundo pelo dilúvio (versículo 6).
3. O aniquilamento da terra pelo fogo no julgamento final (versículo 7).
4. A paciência quase infinita de Deus (versículo 7).

Esses adversários da verdade não têm falta de conhecimento. «Eles voluntariamente ignoram isto» (versículo 5). Outra versão transcreve assim a nossa passagem: «São de má fé os que assim argumentam. Com efeito, fingem ignorar que, antigamente, Deus falou...» (Alfred Kuen).

É por isso que Pedro escreve assim aos cristãos: «Desperto com exortação o vosso ânimo sincero; para que vos lembreis das palavras que primeiramente foram ditas pelos santos profetas, e do mandamento do Senhor e Salvador, mediante os vossos apóstolos.» (II Pedro 3:1, 2.)

Estas declarações estão impregnadas de autoridade e de força. A palavra de Deus é a nossa norma por

excelência. Se apreciamos o justo valor da salvação que a Bíblia nos oferece, a nossa fé deverá apoiar-se, inteiramente, sobre ela.

O que os cristãos não devem ignorar

O segundo apelo do apóstolo figura nos versículos 7 e 8: «Mas, amados, não ignoreis uma coisa...» O que é que os cristãos não têm o direito de ignorar?

1. O valor relativo do tempo (versículo 8).
2. A certeza das promessas divinas (versículo 9).
3. A paciência de Deus (versículo 9).
4. A Sua recusa de deixar os homens correr para a perdição (versículo 9).
5. O Seu desejo de os ver chegar todos ao arrependimento (versículo 9).

Esta acumulação de pensamentos reflecte bem a terna solicitude do nosso Pai celeste e a vontade de que todas as Suas criaturas tenham a salvação.

Os versículos 10 a 13 sublinham uma verdade de importância vital. Apesar da negação dos escarnecedores, «o dia do Senhor virá». Virá «como um ladrão de noite; no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se desfarão, e a terra, e as obras que nela há, se queimarão». Isso é uma certeza absoluta.

Continuem os escarnecedores a troçar dos profetas! Continuem os cépticos a pôr a Bíblia a ridículo! Isso não diminui a certeza que Cristo deu ao Seus discípulos de todos os tempos. Depois de ter reafirmado a sua fé na vinda do Senhor, o autor sagrado continua, dizendo: «Havendo pois de perecer todas estas coisas, que pessoas vos convém ser em santo trato, e piedade, aguardando e apressando-vos para a vinda do dia de Deus, em que os céus em fogo se desfarão, e os elementos, ardenido, se fundirão?

«Mas nós, segundo a Sua promessa, aguardamos novos céus e nova terra, em que habita a justiça.»

A terceira mensagem dirigida pelo apóstolo Pedro aos que estão decididos a se preparar em vista da volta de Jesus encontra-se no versículo 14: «Pelo que, amados, aguardando estas coisas, procurai que d'Ele sejais achados imaculados e irrepreensíveis em paz.»

Esse é sem dúvida um ideal demasiado elevado para que qualquer mortal o possa atingir pelas suas próprias

forças, sejam quais forem as suas origens, a sua camada social ou a sua educação.

Mas, louvado seja Deus! Ele faz-nos esta promessa: «Ora aquele que é poderoso para vos guardar de tropeçar e apresentar-vos irrepreensíveis, com alegria, perante a Sua glória, ao único Deus, Salvador nosso, por Jesus Cristo, nosso Senhor, seja glória e majestade, domínio e poder, antes de todos os séculos, agora, e para todo o sempre. Amen!» (Judás 24, 25.)

Um mandamento e uma promessa

«O ideal de Deus para Seus filhos é mais alto do que pode alcançar o pensamento humano. 'Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos Céus.' Este mandamento é uma promessa. O plano da redenção visa o nosso completo libertamento do poder de Satanás. Cristo separa sempre do pecado a alma contrita. Veio para destruir as obras do diabo, e tomou providências para que o Espírito Santo fosse comunicado a toda a alma arrependida, para guardá-la de pecar.» — **O Desejado de Todas as Nações**, pág. 228.

O ministério do Espírito Santo tem por objectivo realizar estes milagres da graça na nossa vida. O Espírito de Deus não tem apenas por missão desmascarar o nosso pecado, mas tornar-nos participantes da natureza divina, a fim de que sejamos preservados do pecado. Se alguma vez houve uma época em que foi urgente pleitear com Deus para obter a efusão do Seu Espírito, essa época é certamente a nossa. «Enchei-vos do Espírito.» (Efésios 5:18.)

A última recomendação feita pelo escritor sagrado figura no versículo 17: «Vós, portanto, amados, guardai-vos...» De quê? «...de que, pelo engano dos homens abomináveis, sejais juntamente arrebatados, e descaiais da vossa firmeza.»

Vivemos no tempo do joeiramento. Um grande número dos nossos membros chegam à conclusão de que as atracções do mundo, as seduções do pecado acrescentadas aos problemas da vida, prejudicam seriamente o seu amor, a sua lealdade ao Mestre. Numerosos, demasiado numerosos são aqueles que acabam por abandonar a partida. Os nossos corações constangem-se quando vemos os nossos filhos e filhas, os nossos pais, os nossos queridos, os nossos irmãos e irmãs na fé separarem-se de Deus. Afundam-se então numa situação espiritual e moral que torna extremamente problemática a sua admissão no reino de Deus.

Este engano a que Pedro faz alusão o que será, exactamente? Trata-se do engano de homens sem fé nem lei que têm tendência para nos separar e afastar dos preceitos do Senhor. Esses ímpios procuram semear a dúvida nos nossos espíritos: «Acredita que Deus realmente exige isso de si?» dizem eles. Ou então: «Tranquillize-se, o fim do mundo não é já amanhã!» Ou ainda: «Se Deus existe, Ele é suficientemente bom para não aniquilar os homens.» E isto quando não põem pura e simplesmente em causa as Escrituras: «Pode-se verdadeiramente ter confiança no que diz a Bíblia, sobretudo no domínio da história e da ciência?»

A acreditar no que dizem os partidários da nova ética chamada vulgarmente «moral de situação», todo o homem seria para si mesmo a sua própria lei, e ninguém teria o direito de impor regras de conduta a quem quer que fosse. Em todo o caso, o cristão possui uma regra de conduta: a que se encontra prescrita na Palavra de Deus: Quanto à chamada nova moralidade, não é mais do que o ressurgimento da antiga imoralidade que grassava já no tempo dos apóstolos. Por isso nos devemos manter sempre em guarda, não aconteça que nos deixemos arrastar pelo engano dos incredulos, ao ponto de nos afastarmos da nossa firmeza.

Pedro conclui a sua insistente mensagem com o seguinte apelo: «Antes crescei na graça e conhecimento de nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo. A Ele seja dada a glória, assim agora como no dia da eternidade. Amen!» (II Pedro 3:18.)

Temas para reflexão:

1. Na vossa opinião, quais são os maiores obstáculos à nossa preparação plena e completa para a vinda do Senhor?
2. Como poderemos nós afastar esses obstáculos?
3. Porque é vital que meditemos seriamente na palavra de Deus todos os dias?
4. Que grandes seduções deveremos enfrentar nas últimas horas da história deste mundo?
5. Segundo a vossa ideia, em que comunidade ideal deveriam os novos membros poder ser recebidos?
6. Que poderemos nós fazer para ter igrejas dessas no nosso Movimento?
7. Como pode o cristão crescer na graça e no conhecimento de Jesus?

ANUNCIAR O SEU REGRESSO

Neste último período da história, é preciso nada menos do que uma evangelização total.



Por P. L. ARCHBOLD
Presidente da Divisão Interamericana

«Passa-se neste lugar alguma coisa que tão cedo não se poderá esquecer.» Em 1972, estas palavras destinadas a captar a atenção dos transeuntes apareciam sobre os painéis de publicidade por toda a cidade de Dallas, no Texas. De acordo com as reportagens que apareceram na imprensa, tinham-se dirigido para Dallas mais de 65 000 jovens cristãos, acompanhados por 10 000 leigos, representando uma centena de nacionalidades. Chegaram em toda a espécie de meios de transporte, a pé, de bicicleta, de auto-stop, a fim de receber a sua ordem de marcha que lhes permitiria ir por todo o mundo, e isto antes de 1980.

No seu discurso de abertura, o responsável por essa vasta assembleia declarava: «A maior parte dos cristãos e dos seus dirigentes não têm tomado a sério a ordem de Jesus que disse: 'Ide por todo o mundo, e pregai o Evangelho a toda a criatura.' A bem dizer, temos ocupado o nosso tempo com questões secundárias.»

Em resposta àquela advertência, os assistentes tomaram o compromisso de difundir a boa nova do Evangelho não apenas nos Estados Unidos e no Canadá, mas em todo o mundo, daqui até 1980, graças à formação e a

uma verdadeira mobilização dos efectivos das nossas igrejas.

Foi há dezanove séculos, no momento de retomar o Seu lugar à direita do Pai, de quem havia já recebido plenos poderes, que Jesus confiou esta missão aos Seus discípulos: «Ide por todo o mundo, e pregai o Evangelho a toda a criatura.» (Marcos 16:15.) Ide por toda a parte, a todos os cantos e recantos do vosso país; mas ide também até aos confins mais recônditos da terra habitada para aí proclamar a bem-aventurada esperança da volta do Senhor. Para que os mensageiros tomassem consciência da importância do seu mandato, Cristo repetiu várias vezes a mesma ordem.

O que se passa connosco? Ellen White diz que «é um erro fatal supor que a obra de salvar almas depende apenas do ministro ordenado... Todos quantos recebem a vida de Jesus são mandados trabalhar pela salvação dos seus semelhantes.» — **O Desejado de Todas as Nações**, pág. 609.

Os arautos da parusia

Judas escreveu na sua pequena epístola que «Enoc, o sétimo depois de Adão», profetizou nos seguintes termos: «Eis que é vindo o Senhor

com milhares de Seus santos.» (Judas 14.) Job exclamou: «Porque eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim se levantará sobre a terra.» (Job 19:25.) David cantou a alegria que sentia quando pensava na vinda do Senhor: «Virá o nosso Deus, e não Se calará.» (Salmo 50:3.) E o apóstolo Paulo evoca a suprema aspiração dos cristãos com as seguintes palavras: «Aguardando a bem-aventurada esperança.» (Tito 2:13.)

A Igreja apostólica teve o privilégio de promover uma poderosa campanha de evangelização que produziu uma rica messe de almas. Essa Igreja primitiva lançou solidamente as bases duma religião nova e dinâmica. Depois, a seguir ao Pestecostes, os crentes dirigiram-se para as praças, para as ruas e para as sinagogas, a fim de anunciar a verdade com poder e convicção. Viu-se então surgir uma corrente extremamente forte em favor da conquista das almas.

Os primeiros adventistas, por sua vez, pregaram em toda a parte onde conseguiram reunir uma assistência. Muitas vezes, como no tempo dos apóstolos, esse trabalho de evangelização era feito em particular, nas casas, e outras vezes mesmo a céu aberto, em pleno campo.

Fortemente motivado pelas suas convicções religiosas, Guilherme Miller ardia literalmente no desejo de partilhar a sua fé. Impelido pelo amor divino, viajava incansavelmente de cidade em cidade para proclamar a mensagem da volta de Jesus. Em várias ocasiões, chegou a pregar debaixo duma tenda diante de 3 000 ou 4 000 pessoas. Na falta de melhor, não hesitou em dirigir conferências numa fundição onde se podiam reunir 5 000 ouvintes. Um dia sentiu que devia proclamar a vinda de Cristo de cima dos degraus de um tribunal, e também dentro duma igreja presbiteriana. E de cada vez a assistência deixava o local cantando hinos sobre a bem-aventurada esperança.

A ardente preocupação de todos os pioneiros era anunciar, perto como longe, a vinda do Senhor. J. M. Loughborough, que tinha abraçado muito novo a fé cristã, ouviu, com a idade de vinte anos, uma clara explicação sobre a tripla mensagem de Apocalipse 14. Aceitou imediatamente essa mensagem e lançou-se logo a espalhá-la. Dois anos mais tarde, recebia a consagração ao santo ministério e era designado pela Conferência Geral para começar um trabalho de evangelização na costa ocidental dos Estados Unidos. Mais tarde, seria enviado à Inglaterra para superintender a obra adventista.

Suscitados para anunciar a volta de Jesus

Deus suscitou o movimento adventista para pôr em destaque a grande verdade da volta do nosso Senhor Jesus Cristo. Não somente por inter-

médio de alguns porta-vozes pregando aqui e ali, de dois ou três pregadores ocupados a dar conferências numa associação ou numa união como hoje acontece nalguns territórios, mas da maneira descrita por Ellen G. White:

«Servos de Deus, com o rosto iluminado e a resplandecer de santa consagração, apressar-se-ão de um lugar para outro para proclamar a mensagem do Céu. Por milhares de vezes em toda a extensão da Terra, será dada a advertência... Assim os habitantes da Terra serão levados a decidir-se.» — **O Grande Conflito**, pág. 664.

É claro como a luz do dia que a responsabilidade de dar a conhecer a boa nova da segunda vinda repousa sobre cada pregador, sobre cada empregado da Obra, sobre cada administrador, sobre cada membro e sobre todos os jovens da Igreja adventista.

Recebemos a missão de pregar a mensagem em toda a parte e por meio de todos os métodos dignos do Evangelho: por meio de conferências dadas em salas públicas ou nos lares, por estudos bíblicos ou conversações em particular, espalhando os nossos livros, folhetos, revistas, batendo de porta em porta e utilizando as outras formas de trabalho missionário.

Se estamos profundamente convencidos da proximidade da volta do nosso Mestre, se cremos na veracidade da nossa mensagem; por outras palavras, se temos consciência de ter qualquer coisa importante a dar a conhecer ao mundo, é agora que temos que pôr mãos ao trabalho.

Temos, além disso, o dever de proclamar a mensagem de Deus com exactidão e clareza. Não se trata de repetir banalidades; tão-pouco se trata de nos exprimirmos de maneira confusa ou ambígua. O mandato que nos foi confiado é demasiado solene. Não esqueçamos que a salvação de almas preciosas, resgatadas pelo sangue do Salvador, está em jogo, e que a humanidade se encontra hoje enfrentando uma crise decisiva da sua história.

Chegou portanto o momento para que todos os nossos pregadores, todos os obreiros, todos os membros jovens ou adultos, das nossas comunidades, conjuguem os seus esforços para proclamar com convicção o Evangelho eterno e a próxima volta de Jesus. Enquanto aguarda essa volta, a Igreja suspira e sofre as dores de parto no meio duma sociedade em plena derrocada. É mais do que tempo de levantar bem alto o estandarte da nossa esperança.

Como membros da Igreja final, temos o imperioso dever de avançar, cheios de fé no nosso Deus, para projectar a Sua luz no caminho dos homens nossos contemporâneos, a alegre luz da volta do nosso Senhor, poderoso para salvar todos os homens que se arrependem. Cumpre-nos exaltar aos olhos dos pecadores «o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo».

Por isso, a exemplo dos congressistas de Dallas de que falámos no início desta leitura, os adventistas espalhados em todo o mundo deveriam dar a conhecer por todos os meios que está quase a ter lugar o maior acontecimento da história: o aparecimento glorioso de Jesus, nosso Senhor e nosso Rei.

A ordem dirigida à Igreja de que somos membros é esta: **Ide** proclamar a mensagem da volta de Jesus nesta geração. **Ide** dizê-lo aos membros da vossa própria família. **Ide** lembrá-lo aos membros desfalecidos da vossa igreja, aos que deixaram de assistir à Escola Sabatina. **Ide** anunciá-lo aos vossos vizinhos que não conhecem o Evangelho e continuam nas trevas. **Ide** comunicar a vossa esperança aos que têm a alma torturada pelo desânimo, e falai-lhes d'Aquele que veio curar os quebrantados de coração. **Ide** às cidades e às regiões aparentemente inacessíveis, pois «muitos estão no limiar do reino, esperando somente serem recolhidos.» — **Actos dos Apóstolos**, pág. 109. **Ide**, e fazei o último convite para o festim do reino de Deus.

Um renascimento da evangelização

Caros amigos, é tempo de vos levantardes! É tempo de mobilizarmos as nossas forças! É tempo de evangelizar!

Faz agora seis anos que os pregadores, os administradores e outros empregados da Obra na Divisão Interamericana se empenharam novamente a proclamar com ardor a volta de Jesus. Haviam subitamente tomado consciência de um certo número de factos: endurecimento dos exclusivos nacionais, restrições em matéria de liberdade religiosa, agitação ao nível da política interna e internacional. Acharam que tinha soado a hora de se libertarem da sua rotina, e até da sua própria comodidade; que era tempo de não negligenciar os prodigiosos meios que nos oferece a tecnologia moderna e de avançar pregando melhor que nunca a próxima vinda do Senhor Jesus Cristo. Os nossos irmãos decidiram portanto avançar a todo o custo, penetrando em novos territórios, organizando reuniões públicas debaixo de tendas, para espalhar a última mensagem nos 74 países e ilhas da nossa Divisão.

Acendemos um verdadeiro fogo de evangelização, um fogo capaz de inflamar o coração de todos, pregadores e membros das nossas igrejas que se desejam unir para anunciar a volta de Cristo como nunca antes se fez.

Foi assim que um dos nossos jovens membros decidiu ir para um território novo pregar o Evangelho com toda a simplicidade. Começou por fazer muitas visitas de casa em casa, onde distribuía folhetos. Depois deu estudos bíblicos nas residências, reu-

nindo várias famílias. De tal maneira que, no fim de um ano, se organizaram naquela região uma igreja e 22 grupos de observadores do sábado. Entre os novos adeptos contam-se seis pastores protestantes que trabalham agora dedicadamente como pregadores leigos.

Este despertamento do trabalho de evangelização apoderou-se particularmente de um dos nossos colégios onde professores e alunos se organizaram em 13 equipas missionárias e dirigiram 22 campanhas de evangelização. Ao fim de um ano, foram baptizadas mais de 400 pessoas e organizaram-se duas novas igrejas.

Fiéis apesar das perseguições

Um dos nossos membros tinha-se dirigido a uma cidade onde não havia nem sala de reuniões nem igrejas onde pudesse pregar a mensagem. Como não havia no local nenhum adventista para o ajudar, começou a trabalhar com a ajuda duma família pentecostal da cidade. O nosso irmão pediu às meninas daquela família para lhe darem a sua colaboração, na tentativa de organizar um esforço de evangelização. Como tivessem aceitado, começou a trabalhar com a colaboração delas. Mas logo a igreja a que pertencia aquela família começou a fazer oposição à obra do nosso pregador leigo. Procuraram persuadir as jovens a não participar na campanha, mas em vão. Todos os dias, durante um mês, atiraram pedras contra a casa delas. Apesar da hostilidade de que foi objecto, toda aquela família pentecostal se uniu à Igreja adventista. Entre as outras 68 pessoas da cidade que foram igualmente baptizadas como resultado daquele esforço, três tinham-se mostrado particularmente hostis à mensagem adventista, mas haviam acabado por ser conquistadas para o Evangelho.

Outro exemplo: numa missão, as empregadas do escritório exprimiram o seu desejo de tomar parte activa no trabalho missionário. Assim organizaram a sua própria equipa de evangelização e empreenderam à sua maneira um trabalho de porta a porta, distribuindo folhetos. Deram igualmente estudos bíblicos quatro noites por semana, de tal maneira que, ao fim de dois meses, havia 35 pessoas a serem preparadas para o baptismo.

Noutro lado, um dos nossos pastores escrevia ao presidente da Associação que uma aldeia inteira tinha aceitado a mensagem do terceiro anjo como resultado do trabalho empreendido por ele e os seus colegas. Todas as pessoas da localidade tinham sido admitidas na Igreja adventista, incluindo os membros de 3 igrejas protestantes com os seus pastores.

Num país onde, há alguns anos, o nosso Movimento era vítima de intolerância religiosa, os nossos membros ganharam almas tão rapidamente que

os pregadores mal conseguiam dar conta do seu trabalho. A ponto de, por vezes, ser necessário realizar batismos durante a noite.

Quando, na Igreja, todas as vozes se unirem à do pregador para anunciar a volta de Jesus, cumprir-se-á a promessa do Espírito Santo e almas sinceras se decidirão pela verdade.

Chegou a hora de a Igreja inteira dedicar todas as suas forças ao trabalho de evangelização. Chegou a hora de irmos bater às portas, advertir os nossos vizinhos e os nossos amigos. De dar, se possível, estudos bíblicos nas nossas casas e organizar reuniões públicas.

«Não temos tempo para preocupar-nos com assuntos destituídos de importância. O nosso tempo deve ser empregado na proclamação da última mensagem de misericórdia para um mundo culpado.» — **Testemunhos Selectos**, vol 3, pág. 220.

Há algum tempo, uma testemunha de Jeová foi bater à porta duma irmã nossa. Antes de abrir, esta pediu que a pessoa se identificasse. A resposta foi que, sendo testemunha de Jeová, tinha uma mensagem importante para lhe apresentar. «Não, obrigado,» disse a nossa irmã, «sou adventista, pertencço a uma Igreja que tem a verdadeira mensagem da volta de Jesus.» Então, através da porta, o visitante retorquiu: «Senhora, se está persuadida de possuir a mensagem da verdade, porque não vai bater de porta em porta para anunciar a vinda do Salvador? Saia de casa e vá avisar as pessoas que vivem no seu bairro de que Jesus voltará em breve e elas precisam de se preparar!»

Queridos membros da Igreja adventista, Deus espera que todos, obreiros ou não, sintam o coração inflamar-se de zelo com a ideia da próxima vinda do Senhor, a fim de se sentirem impulsionados, corpo, alma e espírito, a dá-la a conhecer aos outros que os rodeiam. Ele conta com os pregadores, as obreiras bíblicas, os administradores, os professores, os colportores, os médicos, os enfermeiros, os empregados de escritório, os membros de igreja jovens e menos jovens, para que conjuguem todos os esforços de maneira a divulgar a mensagem adventista em todos os lares do planeta, de agora até ao fim deste período quinquenal. Neste último período da história, é preciso nada menos do que uma evangelização total. Sucedendo aos profetas e aos apóstolos, os nossos pioneiros pregaram por sua vez e transmitiram-nos o facho da mensagem. É a nós que cabe retomar esse facho e proclamar ao mundo a vinda do Filho de Deus. Oxalá que, durante esta Semana de oração, possamos assistir a um autêntico despertamento da nossa Igreja, a nível mundial, para receber o poder do Espírito, pois só assim o povo de Deus se poderá preparar para acolher o nosso Senhor e nosso Rei.

«Vem, Senhor Jesus!»

SEXTA-FEIRA, 16 DE DEZEMBRO

PREPARADOS PARA O SEU REGRESSO

O Deus de amor tomou todas as disposições necessárias para que todos tenham lugar no Seu reino.



Por **DESMOND B. HILLS**

Director associado do Departamento da Juventude da Conferência Geral

Temos visto, durante esta semana, que a volta de Jesus é

exaltante — porque é centrada sobre a pessoa de Jesus;

certa — porque é baseada na promessa de Deus;

próxima — porque os sinais precursores do fim no-la fazem pressentir como tal;

vital — porque nos introduzirá na vida eterna.

Foi-nos igualmente lembrado o duplo dever que temos de nos preparar pessoalmente para ela e de anunciar aos nossos semelhantes.

Gosto de imaginar a volta de Jesus como um encontro comvente. Nesse dia, o Rei e os Seus súbditos, pais e famílias serão reunidos. E será o ponto de partida de relações de afecto que se prolongarão pela eternidade.

A comunicação do sábado passado acentuava o facto de que a parusia é centrada sobre uma pessoa: Jesus,

Temas para reflexão

1. Que relação há entre, por um lado, a promessa segundo a qual «o Senhor executará a Sua palavra sobre a terra, completando-a e abreviando-a» (Romanos 9:28), e, por outro lado a responsabilidade que o homem tem de cumprir a sua missão prescrita em Mateus 28:18-20?

2. Em vista da explosão demográfica mundial, como pode a Igreja cumprir convenientemente o seu mandato de anunciar o Evangelho «a toda a nação, e tribo, e língua e povo» (Apocalipse 14:6)?

3. Consultar o livro **O Desejado de Todas as Nações**, págs. 600 e 601, **Serviço Cristão**, pág. 85 e **O Grande Conflito**, pág. 491, para tentar encontrar a resposta à pergunta n.º 2.

Como podem os membros da Igreja, na sua totalidade, ser ao mesmo tempo motivados e mobilizados para uma plena colaboração com os pregado-

res, a fim de terminar a pregação do Evangelho e apressar a vinda de Jesus?

4. Como suscitar na Igreja, globalmente, um movimento implicando a participação total dos membros leigos, para uma evangelização por meio de estudos bíblicos, de distribuição de folhetos, de um trabalho de porta a porta e por intermédio do Socorro adventista?

Poderá acontecer que, não sendo possível obter dos membros tal empenhamento, a vinda do Senhor seja transferida para uma data indeterminada?

5. Não deveria o testemunho a dar em favor do Evangelho ser uma condição de entrada na Igreja? Não seria tal exigência susceptível de apoiar eficazmente a obra de evangelização?

6. Ler **Serviço Cristão**, pág. 91. Como Igreja, temos nós tomado verdadeiramente a sério esta forma de acção?

o nosso bem-amado Salvador. Unicamente n'Ele e por Ele podemos estar preparados para esse supremo acontecimento. Por nós mesmos, nada possuímos que nos possa dar o direito de entrar no reino de Deus. Sabemos bem que esse direito não pode ser adquirido, nem por dinheiro, nem por pretensos méritos.

A Bíblia, que nos oferece várias descrições do reino dos Céus, assegura-nos igualmente que o acesso a ele está aberto a quem ali quiser entrar. A apóstolo Pedro escreve na sua primeira epístola: «Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua grande misericórdia, nos gerou de novo para uma viva esperança, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível, incontaminável, e que se não pode murchar, guardada nos céus para vós.» (I Pedro 1:3, 4.) As «moradas» que Jesus foi preparar (João 14:1-3) destinam-se a homens e mulheres que terão feito o necessário para se prepararem eles mesmos para elas.

No Seu amor infinito, Deus tomou todas as disposições necessárias para que, por Jesus, todos os crentes fiéis sejam, ou ressuscitados, ou trasladados por ocasião da Sua volta. Naturalmente, Deus não quer obrigar ninguém a entrar no Seu reino. Os que se obstinam a viver nos seus pecados excluem-se a si mesmos. Jesus só receberá no Seu reino, na qualidade de cidadãos do mundo novo, aqueles que O tiverem aceitado como seu Salvador e Senhor.

O nosso destino de maneira nenhuma depende do acaso, mas duma escolha baseada numa decisão pessoal.

Em todas as épocas da história, Deus suscitou testemunhas que deram a conhecer a cada geração a verdade presente e as condições de entrada no reino dos Céus. Na Antiga Aliança, foram patriarcas como Noé, profetas como Samuel, reis como David. Seguidamente foram instituídos os serviços do santuário que prefiguravam a redenção obtida pelo Cordeiro de Deus. Na época do Novo Testamento, Jesus e os Seus apóstolos revelaram a verdade aos homens do seu tempo, pela palavra e pelos escritos inspirados. Depois, a seguir aos tempos apostólicos, houve, em todas as épocas, testemunhas do Evangelho.

Presentemente, Deus não deixa de agir continuamente para que os habitantes da terra sejam advertidos acerca da segunda vinda de Jesus e da necessidade de uma preparação para ela. Consideraremos sucessivamente quatro meios pelos quais Deus realiza esta grandiosa obra:

- Um movimento profético;
- Uma mensagem purificadora;
- Um mensageiro suscitado no momento oportuno;
- Um ministério animado pelo Espírito Santo.

Um movimento profético

Nos últimos dias, Deus suscitou um movimento profético para anunciar aos habitantes da terra a Sua última mensagem de advertência e dar-lhes a conhecer as condições requeridas para estarem preparados em vista desse solene acontecimento. Três sinais mostram que este movimento é de origem divina: apareceu na época prevista; no plano internacional, desempenha eficientemente o papel que lhe estava designado. Na Escritura, os membros desse grupo são chamados o «resto» da posteridade da mulher (Apocalipse 12, 17). Ora, esse resto faz parte da Igreja de Cristo, tão certamente como o fazia a Igreja apostólica. Não se trata verdadeiramente duma nova organização, mas da continuação da Igreja primitiva e daquela que teve de se refugiar durante muito tempo no «deserto» (Apocalipse 12:6, 14-16).

Sem dúvida alguma, a Igreja do resto está destinada ao triunfo. O apóstolo João declara que a última mensagem será levada «a toda a nação, tribo, língua e povo.» (Apocalipse 14:6). Por sua vez, a serva do Senhor escreve:

«O anjo que se une na proclamação da mensagem do terceiro anjo, deve iluminar a Terra toda com a sua glória. Prediz-se com isto uma obra de extensão mundial e de extraordinário poder. O movimento adventista de 1840 a 1844 foi uma manifestação gloriosa do poder de Deus; a mensagem do primeiro anjo foi levada a todos os postos missionários do mundo, e nalguns países houve o maior interesse religioso que se tem testemunhado em qualquer nação desde a Reforma do século dezasseis; mas isso deve ser superado pelo poderoso movimento sob a última advertência do terceiro anjo.» — **O Grande Conflito**, pág. 490.

A missão do movimento profético que Deus desejou instituir neste mundo, para o preparar para a volta de Jesus, conduzirá a várias vitórias decisivas:

IA verdade triunfará da tradição, o bem do mal, e o amor de Cristo do amor do dinheiro.

O êxito desta missão baseia-se numa dupla certeza:

O Filho do homem triunfará dos pecados do homem.

O amor do Criador prevalecerá sobre o amor à criatura.

Segurança na estrada

Os automobilistas conhecem bem os grandes cartazes colocados ao longo das vias de circulação intensa pelos serviços de segurança rodoviária. Os membros da Igreja adventista são também, à sua maneira, responsáveis por um serviço de segurança. Deus enviou-os para advertirem o mundo do perigo que ele corre e dos meios

para dominar esse perigo. Mas demasiadas vezes, em lugar de cumprir a tarefa que lhes foi designada, os adventistas percorrem o caminho da sua vida como simples espectadores. Contentam-se com o olhar para a paisagem: os prazeres e as relações deste mundo; as posições sociais que o mundo lhes oferece.

Alguns parecem ter decidido gozar momentaneamente as coisas e prazeres deste mundo, fazendo ao mesmo tempo profissão de cristianismo. Esses pretensos cristãos reservam para si a oportunidade de, no devido momento, se prepararem para a volta do Senhor. Outros admitem espontaneamente a sua negligência a respeito das coisas espirituais. Outros ainda persistem em certas atitudes, sabendo bem que elas são um obstáculo ao seu crescimento «em Cristo».

Se tomamos grande interesse nos prazeres e nas ambições desta vida, se começamos a nos desinteressar da nossa vida espiritual e da missão que nos foi confiada, estamos sobre um perigoso plano inclinado.

Por terem já sentido o choque duma colisão com a sua natureza carnal, alguns de nós desejariam evitar a todo o custo um novo acidente. Seja como for, todos aqueles que estudam a palavra de Deus e compreendem os tempos em que vivemos sabem como o cristão do nosso tempo tem necessidade, mais do que nunca, de vigiar e dirigir a Deus esta oração: «Vem, Senhor Jesus!»

Uma mensagem purificadora

A segunda disposição que Deus tomou para permitir ao Seu povo que se preparasse para a volta de Jesus foi confiar-lhe uma mensagem que purifica. Encontra-se no capítulo 3 do Apocalipse, versículo 14 a 20 e chama-se «a mensagem a Laodiceia». O portador dessa mensagem é o próprio Jesus, chamado «a Testemunha fiel e verdadeira.»

Leiamos, a propósito dessa mensagem, algumas linhas escritas por Robert H. Pierson, presidente da Conferência Geral: «Estas palavras contêm simultaneamente uma reprovação solene, um maravilhoso convite, um precioso reconforto e um motivo de esperança duradoura. Elas encerram um apelo dirigido à Igreja final, para que tomemos primeiro que tudo consciência da nossa condição espiritual diante do Senhor. Segue-se um apelo ao arrependimento, a uma vida santa que testificará o vigor da nossa fé em Deus.

«Enquanto com os lábios dizemos aos nossos semelhantes que Jesus vai voltar, somos intimados a harmonizar a nossa vida com as nossas próprias palavras. É-nos feito um apelo para substituímos o nosso formalismo e a nossa apatia espiritual por um cristianismo entusiástico e zeloso. Deus ordena-nos que termi-

nemos a Sua obra agora, antes de sermos admitidos a um lugar com Ele no Seu reino.» (**We Still Believe**, pág. 196.)

Ellen White declara que «a mensagem a Laodiceia deve ser dada com ardor e com poder, como uma mensagem vinda do Céu.» — **Special Testimonies Series B**, n.º 2, pág. 20.

Mas a Igreja não é só depositária duma mensagem particular e purificadora; foi-lhe dada uma mensageira cuja missão consiste em chamar a nossa atenção para um certo número de verdades bíblicas negligenciadas, a fim de nos permitir fazer a nossa preparação para a vinda de Jesus.

Para aqueles que esperam ser admitidos no reino dos Céus, os livros do Espírito de Profecia podem ser preciosos no plano espiritual e no plano das suas relações com a sociedade onde vivem. Ser-nos-ia grandemente benéfico ler e reler o livro **Aos Pés de Cristo**. Temos depois os cinco volumes da colecção «O Conflito dos Séculos»: **Patriarcas e Profetas, Profetas e Reis, O Desejado de Todas as Nações, Actos dos Apóstolos e O Grande Conflito**. Quanto a **Mensagens aos Jovens**, esse livro deveria ser lido tanto pelos pais adventistas como pelos filhos. Finalmente, os **Testemunhos Selectos** estão repletos de inúmeros conselhos para enfrentarmos os nossos problemas pessoais e aqueles que se podem levantar no plano das nossas relações com a Igreja e a sociedade em geral.

O que foi dito na época de Josafat é igualmente verdade nos nossos dias: «Crede no Senhor vosso Deus, e estareis seguros; crede nos Seus profetas, e sereis prosperados.» (II Crônicas 20:20.) Durante todo o tempo em que um indivíduo, uma igreja ou uma instituição seguirem os conselhos do Espírito de Profecia, o seu bem-estar espiritual está assegurado.

O poder do Pentecostes foi igualmente prometido para os últimos dias, a fim de preparar o povo de Deus para a volta de Jesus (Actos 1:8; ler também **O Grande Conflito**, págs. 490, 491). Do mesmo modo que há duas vindas de Jesus, há também duas efusões do Espírito Santo sobre a Igreja. A primeira efusão seguiu a primeira vinda do Salvador. Nessa altura, a dinâmica do Espírito Santo sacudiu a Igreja e até a sociedade dessa época, a ponto de poder ser dito a respeito dos discípulos: «Estes... têm alvoroçado o mundo.» (Actos 17:6.)

A segunda efusão do Espírito, prometida à Igreja, deve preceder a segunda vinda do Senhor e revesti-la de poder. Depois de um parágrafo que trata da chuva temporã e da chuva serôdia, encontramos em **O Grande Conflito**, pág. 491, esta significativa declaração: «A grande obra do Evangelho não deverá encerrar-se com menor manifestação do poder de Deus do que a que assinalou o seu início.»

Seria bom lermos frequentemente, no livro **Actos dos Apóstolos**, o capítulo intitulado «O Pentecostes». Eis um extracto desse capítulo: «Os discípulos sentiram a sua necessidade espiritual, e suplicaram do Senhor a santa unção que os devia capacitar para o trabalho de salvar almas. Compreendiam que o Evangelho devia ser proclamado ao mundo, e reclamavam o poder que Cristo prometera.» (Pág. 35.)

Os nomes de Belém e Pentecostes evocam acontecimentos históricos. Ora, tão realmente como Jesus nasceu em Belém e o Espírito de Deus foi espalhado no dia do Pentecostes, se assistirá, antes da vinda gloriosa do Senhor, a uma nova efusão do Espírito.

Além da questão de saber como podemos nós beneficiar da chuva serôdia, uma outra interrogação se nos impõe: Quem receberá essa efusão do Espírito? A esse respeito é preciso que nos lembremos de que maneira os discípulos se preparam para a chuva temporã. De um estudo do livro dos Actos dos Apóstolos e dos escritos de Ellen White, ressalta facilmente quais são as condições prévias para o recebimento do Espírito Santo.

Sejamos todos de comum acordo. Peçamos a efusão do Espírito de Deus. Aceitemos fazer a experiência duma nova conversão. As nossas palavras e o nosso testemunho pessoal deveriam ser desprovidos de motivações egoístas e os nossos corações continuamente cheios de louvor e de acções de graças. Submetamo-nos dia após dia à vontade do Senhor.

O nosso domicílio celeste

O objectivo supremo do cristão é estar um dia com Cristo no reino do Seu Pai. A esse respeito, o Deus de amor tomou todas as disposições necessárias para que todos tenham um lugar no Seu reino. Como vimos na nossa comunicação de terça-feira, poderemos ter acesso a ele pela ressurreição, ou pela trasladação.

João Baptista, o precursor do Messias, devia andar «diante de Deus no espírito e no poder de Elias». Ele convidava os homens e as mulheres a se prepararem para a primeira vinda do Salvador, rompendo com as tradições e os compromissos humanos. Como Elias, os membros do movimento adventista devem «reconstruir «o altar do Senhor que estava quebrado» (I Reis 18:30). Com efeito, aplicam-se à Igreja final as palavras do profeta: «Tu levantarás as ruínas antigas, tu reconstruirás sobre fundamentos seculares.» (Isaías 58:12, versão de Maredsous.)

Moisés renunciou deliberadamente aos tesouros do Egipto para seguir com o povo de Deus em direcção à Terra prometida. Ainda que Moisés e os seus homens tenham por vezes

perdido de vista a recompensa ardentemente desejada, o Senhor conduziu finalmente os crentes fiéis ao seu destino.

Estaremos dispostos, também nós, a desviar os nossos olhos dos tesouros deste mundo para nos unirmos à coorte da Igreja final que se dirige à Canaã celeste? Porque não haveremos de conservar os olhos na nossa herança gloriosa?

Enoc vivia numa época singularmente corrupta. Mas, no meio daquela sociedade perversa, «foi destemido reprovador do pecado... Durante trezentos anos Enoc estivera procurando pureza de alma, para que pudesse estar em harmonia com o Céu.» — **Patriarcas e Profetas**, pág. 83, 84. Nos nossos dias, quem são aqueles que, a exemplo de Enoc, estão dispostos a chamar o pecado pelo seu nome, e a dar ouvidos à mensagem purificadora da «testemunha fiel e verdadeira»?

Moisés, Enoc e Elias foram mensageiros de Deus exercendo um ministério entre os seus contemporâneos. Foram pregadores da justiça, e, ouvindo a sua mensagem, quase por toda a parte se produziram reavivamentos.

Quem, entre nós, está disposto a escutar a mensageira do Senhor? Quem quer fazer a experiência de um verdadeiro despertamento da piedade evangélica?

Revestido do poder do Altíssimo, Elias sapou os fundamentos da idolatria que grassava no seu tempo. Sobre o monte Carmelo, não hesitou em enfrentar a morte e intimar toda a assembleia de Israel a que servisse o Senhor. Quem são aqueles que, entre nós, estão determinados a pregar a verdade presente no «espírito e no poder de Elias»? Sim, quem são os membros deste grande movimento adventista que desejarão desfazer-se de todos os seus ídolos e orar em favor da última efusão do Espírito Santo?

Temas para reflexão:

1. Que significa escolher Jesus como nosso Salvador e nosso Rei? (Ver **Aos Pés de Cristo**, págs. 45-51.)

2. Que doutrinas estão contidas na tripla mensagem de Apocalipse 14:6-12?

3. Que conselhos dá o Espírito Santo à Igreja na mensagem a Laodiceia? Procuremos analisar as seguintes expressões: «ouro provado no fogo»; «vestidos brancos»; «colírio». (Ver Apocalipse 3:18.)

4. Quando a chuva serôdia cair sobre a terra, quem atingirá ela? (Ler **Actos dos Apóstolos**, págs. 47-56.)

5. Quais são algumas das maravilhosas manifestações do poder do Espírito Santo que se produzirão antes da volta de nosso Senhor? (Ver **O Grande Conflito**, págs. 490, 491.)

APÓS O SEU REGRESSO

As bênçãos que Deus reserva aos cidadãos do mundo novo ultrapassam em muito o que se poderia imaginar.



Por **ROBERT H. PIERSON**
Presidente da Conferência Geral

Na nossa alegre expectativa da volta de Jesus, procuremos imaginar que, dando a nossa esperança lugar à realidade, chegou já o dia do Salvador. Esse dia por que tanto suspirámos, pelo qual orámos, vivemos e trabalhamos.

Subitamente, somos postos em presença duma enorme e impressionante tragédia. O planeta inteiro é atingido por enormes sacudidas marcadas por terríveis rugidos. Parece que a natureza foi bruscamente tomada de loucura. Violentemente abaladas na sua base, cadeias de montanhas vacilam diante dos nossos olhos. As ilhas habitadas são literalmente engolidas pelo mar desenfreado. As grandes e prestigiosas cidades do nosso mundo, verdadeiras fortalezas do vício, são por sua vez precipitadas na voragem das fendas escancaradas da terra.

Por cima das nossas cabeças, enquanto o céu, de uma à outra extremidade do horizonte, despeja o fogo dum incêndio monstruoso, os trovões ribombam incessantemente. Por toda a parte disparam os relâmpagos, iluminando com a sua estranha claridade o sinistro espectáculo.

Chegou o grande dia do ajuste de contas.

Mas eis que lá ao fundo, na extremidade do céu, se vê despontar, do tamanho de uma mão, uma nuvem circundada de negro. Logo os membros do povo de Deus reconhecem

ser ela o sinal do Filho do homem surgindo no meio desse espectáculo impressionante.

Enquanto observam atentamente o céu, vai-se aproximando mais a imponente escolta do Rei dos reis. A nuvem aparece cada vez maior, cada vez mais luminosa, até ser toda a terra inundada pelo seu esplendor.

Numa irradiação de glória, volta o Senhor dos senhores, majestosamente sentado como soberano de todo o universo.

Nesse solene momento, os olhos dos crentes podem, enfim, contemplá-lo face a face!

Perto deles, os ímpios, aterrados, sem ter quem os ajude, dizem «aos montes e aos rochedos: Caí sobre nós, e escondei-nos do rosto daquele que está assentado sobre o trono.» (Apocalipse 6:16.) Não podem suportar a presença d'Aquele cujos apelos de amor recusaram. Para a alma pervertida pelo pecado, é totalmente insuportável a simples vista do Sol da Justiça.

Reunidos em pequenos grupos, os membros do povo de Deus não podem afastar os seus olhos do Senhor Jesus, para quem estendem os braços em sinal de acolhimento. Para eles, tentações, provas de perseguições terminaram a partir desse momento. Nada disso mais conta, pois que Jesus está na sua frente!

Espontaneamente, exclamam: «Eis que este é o nosso Deus, a quem aguardámos, e Ele nos salvará; este é o Senhor, a quem aguardávamos; na Sua salvação gozaremos e nos alegraremos!» (Isaías 25:9.)

Abrem-se as sepulturas; os justos ressuscitados e exultantes de alegria saem do seu leito de pó. Desapareceram as cicatrizes do pecado e toda a sujeição da terra foi para sempre abolida. Resplendentes de uma vida e uma saúde imperecíveis, os resgatados levantam-se para receber o Redentor. «Tragada foi a morte na vitória.» (I Coríntios 15:54.)

Arrebatados juntos

Enquanto «o mesmo Senhor» desce do céu, «com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus... nós, os que ficarmos vivos, seremos juntamente arrebatados com eles (os justos ressuscitados) nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares.» (I Tessalonicenses 4:15-17.)

«Embora não se trate das mesmas partículas de matéria ou de substância que foram depositadas na sepultura, a nossa identidade será preservada na ressurreição... No momento da ressurreição, cada um voltará a encontrar o seu próprio carácter. No tempo por Ele fixado, Deus voltará a chamar os mortos, devolvendo-lhes o sopro de vida...» — E. G. White, **The Faith I Live By**, pág. 185.

As palavras humanas são por certo demasiado limitadas para descrever semelhante espectáculo.

Muitos amigos e famílias que a morte terá por tanto tempo separado ver-se-ão por fim reunidos. «Os laços de família serão novamente restabelecidos. Quando pensamos nos nossos defuntos, deveríamos pensar no dia em que a trombeta de Deus soar e (os mortos ressuscitarão incorruptíveis...)» (I Coríntios 15:52.)

«Serão apagadas as últimas sequelas da maldição do pecado, e os que tiverem sido fiéis a Cristo aparecerão revestidos da 'beleza do Senhor nosso Deus', tanto no espírito como na alma, e os seus corpos reflectirão a perfeita imagem do seu Salvador.» — E. G. White, **Obra citada**.

«Os justos que estiverem vivos 'serão transformados num abrir e fechar dos olhos'. A voz de Deus eles foram glorificados; agora são feitos imortais, serão arrebatados juntamente com aqueles que ressurgiram a encontrar o Senhor nos ares. São os anjos os incumbidos de reunir os escolhidos dos quatro ventos de uma a outra extremidade do céu. Os meninos pequenos serão levados pelos anjos ao regaço de suas mães. Amigos longamente separados pela morte tornarão a abraçar-se, para nunca mais se separarem. Com regozijo e cânticos de alegria eles sobem juntos para a cidade de Deus.» — E. G. White, **Orientação da Criança**, pág. 566.

A falange dos resgatados

Conduzida pelo Redentor, a gloriosa multidão dos resgatados começa a sua ascensão para a cidade de Deus. A abóbada celeste reboia agora de cânticos de alegria que nenhum mortal jamais ouviu. Nenhuma sinfonia humana poderia rivalizar com tais melodias. Depois, os exércitos angélicos acompanham a coorte dos eleitos até às portas da cidade celeste.

No momento em que os resgatados se aproximam da entrada do reino da glória, distinguem «um cortejo de anjos de cada lado da porta». E Jesus, dirigindo-se aos eleitos, diz-lhes: «Vinde, benditos de Meu Pai, recebei por herança o reino que vos estava preparado desde a fundação do mundo.» — E. G. White, **Obra citada**.

Que prodigiosa recepção! Que encontro comovente! Séculos antes, Jesus tinha feito esta promessa: «E se Eu for, e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos levarei para Mim mesmo, para que onde Eu estiver estejais vós também.» (João 14:3.) Agora a promessa tornou-se realidade. Todos os filhos e filhas de Deus estão hoje reunidos para sempre, com o seu Mestre, na casa do Pai.

O amor de Jesus por aqueles que lhe pertencem é tão profundo, tão intenso, que, se fosse possível, nunca se teria separado deles. Mas chegou finalmente o abençoado dia do reencontro.

Homens e mulheres, rapazes e meninas arrancados todos às mãos do inimigo, unem agora as suas vozes num vibrante hino de louvor.

Enfim, a oração de Cristo foi plenamente atendida: «Pai, aqueles que me deste quero que, onde eu estiver, também eles estejam comigo, para que vejam a Minha glória.» (João 17:24.)

Nunca mais voltará o pecado a separar os resgatados do seu Salvador. Então, «o trabalho da Sua alma Ele verá, e ficará satisfeito». (Isaías 53:11.) A alegria de Cristo é sem limites enquanto contempla diante de Si os eleitos, troféus da Sua vitória. De agora em diante, pertencem-Lhe para sempre.

Aqueles que resgatou com o Seu sangue, apresenta-os ao Pai «irrepreensíveis, com alegria, perante a Sua glória». (Judas 24.) «Aqui está a paciência dos santos; aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus.» (Apocalipse 14:12.) «Estes são os que dentre os homens foram comprados como primícias para Deus e para o Cordeiro. E na sua boca não se achou engano; porque são irrepreensíveis diante do trono de Deus.» (Apocalipse 14:4, 5.) «Estes são os que vieram da grande tribulação, e lavaram os seus vestidos e os branquearam no sangue do Cordeiro.» (Apocalipse 7:14.)

Citemos ainda dois extractos do livro do Apocalipse, onde João des-

creve os eleitos como lhe foram mostrados em visão:

«Depois destas coisas olhei, e eis aqui uma multidão, a qual ninguém podia contar, de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas, que estavam diante do trono, e perante o Cordeiro, trajando vestidos brancos e com palmas nas suas mãos.» (Apocalipse 7:9.)

«E vi um como mar de vidro misturado com fogo; e também os que saíram vitoriosos da besta, e da sua imagem, e do seu sinal, e do número do seu nome...» (Apocalipse 15:2.)

Enquanto no céu ecoam os acentos do cântico dos remidos, os anjos de Deus mantêm silêncio. Não podem efectivamente unir-se a este hino de vitória: nunca pecaram e não conhecem as ânsias da morte. Por isso não podem completamente apreender como é maravilhosa a libertação adquirida pelo sangue de Cristo a favor da humanidade. Sentem-se assombrados ao ouvir o «cântico novo» (Apocalipse 14:3) entoado pelos crentes glorificados.

Uma regeneração total

Chegou para os crentes a abençoada hora da recompensa. Não viverão como espíritos desencarnados errando de um lado para outro no éter do firmamento. Não, os cidadãos do reino de Deus serão pessoas físicas evoluindo e agindo no domínio do real, e realizando acções concretas.

«E vi um novo céu, e uma nova terra. Porque já o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe.» (Apocalipse 21:1.)

«Porque o Senhor consolará a Sião; consolará a todos os seus lugares assolados, e fará o seu deserto como o Éden, e a sua solidão como o jardim do Senhor; gozo e alegria se achará nela, acção de graças, e voz de melodia.» (Isaías 51:3.)

«O deserto e os lugares secos se alegrarão disto; e o ermo exultará e florescerá como a rosa. Abundantemente florescerá e também regorgitará de alegria e exultará; a glória do Líbano se lhe deu, a excelência do Carmelo e Sarom; eles verão a glória do Senhor, a excelência do nosso Deus.» (Isaías 35:1, 2.)

Os habitantes da nossa terra regenerada irradiarão saúde, alegria e santidade. «É efectivamente necessário que este ser corruptível revista a incorruptibilidade, e que este ser mortal revista a imortalidade.» (I Coríntios 15:53, T. O. B.)

Ali ninguém dirá: «Estou doente; (Isaías 33:24.) A fadiga e a velhice deixarão de existir. Naquele dia se realizará completamente a promessa: «Os que esperam no Senhor renovarão as suas forças, subirão com asas como águias; correrão, e não se cansarão; caminharão, e não se fatigarão.» (Isaías 40:31.)

O fim da penúria

A exemplo de Adão e Eva no jardim do Éden, os eleitos terão ocupações agradáveis, mesmo apaixonantes. «Edificarão casas, e as habitarão; e plantarão vinhas, e comerão o seu fruto.» (Isaías 65:21.)

Não haverá mais qualquer problema económico. As colheitas não sofrerão mais nenhum prejuízo. Ninguém poderá ser ameaçado de arresto ou hipoteca!

«Não edificarão para que outros habitem; não plantarão para que outros comam; porque os dias do meu povo serão como os dias da árvore, e os meus eleitos gozarão das obras das suas mãos até à velhice. Não trabalharão debalde, nem terão filhos para a perturbação; porque serão a semente dos benditos do Senhor, e os seus descendentes com eles.» (Isaías 65:22, 23.)

As bênçãos que Deus reserva aos cidadãos do mundo novo ultrapassam em muito o que se poderia imaginar.

Nunca mais o pecado, a tristeza, o desânimo, a doença e a morte virão ensombrar o coração dos homens.

«E Deus limpará de seus olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas.» (Apocalipse 21:4.)

Não haverá mais conflitos armados, a qualquer nível que seja; a guerra civil e o assassinato em todas as suas formas serão banidos para sempre.

«Não farão mal nem dano algum em todo o Meu santo monte, diz o Senhor.» (Isaías 65:25.)

«Vinde, contemplai as obras do Senhor; que desolações tem feito na terra! Ele faz cessar as guerras até ao fim da terra; quebra o arco e corta a lança; queima os carros no fogo.» (Salmo 46:8, 9.)

O que os chefes de Estado deste mundo são incapazes de conseguir, Deus o realizará: Ele porá fim à guerra, definitivamente.

Ainda mais, no reino eterno, as nossas faculdades mentais não correrão o risco de se atrofiar, nem mesmo de estiolar. Pelo contrário:

«Todos os tesouros do Universo estarão abertos ao estudo dos remidos de Deus. Livres da mortalidade, alçarão voo incansável para os mundos distantes — mundos que fremiram de tristeza ante o espectáculo da desgraça humana, e ressoaram com cânticos de alegria ao ouvir as novas de uma alma resgatada. Com indizível deleite os filhos da Terra entram de posse da alegria e sabedoria dos seres não caídos. Participam dos tesouros do saber e entendimento adquiridos durante séculos e séculos, na contemplação da obra de Deus. Com visão desanuviada olham para a glória da criação, achando-se sóis, estrelas e sistemas planetários, todos na sua indicada ordem, a circular em redor do trono da Divindade. Em todas

as coisas, desde a mínima até à maior, está escrito o nome do Criador, e em todas se manifestam as riquezas do Seu poder.

«E ao transcorrerem os anos da eternidade, trarão mais e mais abundantes e gloriosas revelações de Deus e de Cristo. Assim como o conhecimento é progressivo, também o amor, a reverência e a felicidade aumentam. Quanto mais aprendem os homens acerca de Deus, mais Lhe admiram o carácter. Ao revelar-lhes Jesus as riquezas da redenção e os estupendos feitos do grande conflito com Satanás, a alma dos resgatados fremirá com mais fervorosa devoção, e com mais arrebatadora alegria dedicarão as harpas de ouro, e milhares de milhares, e milhões de milhões de vozes se unem para avolumar o potente coro de louvor.

«E ouvi toda a criatura que está no Céu, e na Terra, e debaixo da terra, e que está no mar, e a todas as coisas que neles há, dizer: Ao que está assentado sobre o trono, e ao Cordeiro, sejam dadas acções de graças, e honra, e glória, e poder para todo o sempre'.

«O grande conflito terminou. Pecado e pecadores não mais existem. O Universo inteiro está purificado. Uma única palpitação de harmonioso júbilo vibra por toda a vasta criação. D'Aquele que tudo criou emanam vida, luz e alegria por todos os domínios do espaço infinito. Desde o minúsculo átomo até ao maior dos mundos, todas as coisas, animadas e inanimadas, em sua serena beleza e perfeito gozo, declaram que Deus é amor.» — **O Grande Conflito**, pág. 542.

No momento de encerrar esta semana de oração, gostaria de dirigir um apelo vibrante a cada um dos nossos membros.

Como eu gostaria de ter a felicidade de conhecer ou voltar a encontrar cada um de vós na cidade de Deus, quando a esperança tiver dado lugar à realidade! Ninguém duvida de que vós mesmos desejais estar presentes na hora da recompensa final. De todo o modo, se lá estivermos, será porque teremos, um dia, decidido estar presentes, e porque teremos tomado todas as disposições necessárias para isso.

É agora que precisamos de nos preparar, agora que precisamos triunfar do pecado pelo poder de Cristo habitando em nós; é agora que o nosso carácter deve ser modelado para que, no devido momento, o nosso Salvador experimente por nós a satisfação e a alegria esperadas.

Se, esta manhã, tiverdes o sentimento de ser escravo de um pecado, não desejareis levar esse pecado aos pés de Jesus? Não desejareis recomeçar tudo de novo, com Ele, hoje mesmo? Se quiserdes, podereis encontrar, agora mesmo, o amparo e a esperança de que tendes necessidade, aguardando a abençoada hora do Seu regresso.

Semana de Oração para as Crianças

É VERDADE! Podemos acreditar naquilo que Jesus disse acerca do Seu regresso



Por PAUL SUNDQUIST

Nota: — Harmonizando-se com as comunicações para os adultos, o tema geral escolhido para as crianças é a segunda vinda de Jesus. Como os textos que se seguem visam uma preparação e uma decisão pessoais, podem ser utilizados como base para conversações entre o monitor e as crianças. Estas podem mesmo ler antecipadamente algumas partes do texto e apresentá-las com vista a uma partilha espiritual.

a África. Muitos dos seus companheiros tinham sido lançados aos leões ou tinham servido de archotes nos jardins de Roma. As autoridades perseguiam, sem misericórdia, aqueles que tinham aceitado o cristianismo.

Enquanto o chicote estalava muitas vezes sobre a sua pele, estes primeiros cristãos eram levados para a Númídia, onde lhes era prometida uma sorte tão amarga como aquela que agora tinham. Depois de desembarcarem em África, caminhavam através de montanhas inóspitas para chegar finalmente às minas onde deviam trabalhar. Assinalados na testa com um ferro em brasa, penetravam nas galerias com uma lâmpada e um martelo e nunca mais voltavam a ver a luz do sol. Ali, eram postos juntamente com os criminosos. Por causa da sua confissão de fé, tinham ouvido a terrível sentença **damnatus ad metalla**, «conedano às minas». Sabiam que era uma condenação à morte.

Apesar disso, sofriam alegremente, sabendo que a sua fidelidade não seria

1- É VERDADE! MESMO QUE FAÇAM TROÇA

O sol queimava-lhes as costas nuas. No entanto eles tinham de continuar a remar, amarrados aos remos da galera que os transportava da Itália para

Temas para reflexão:

1. Ler **Actos dos Apóstolos**, pág. 13; **O Desejado de Todas as Nações**, págs. 475, 476; **Educação**, pág. 271. **Evangélio**, págs. 696, 697.

2. Como podemos agir eficientemente em vista da volta de Jesus? Ler **Actos dos Apóstolos**, págs. 600, 601; **Testemunhos Selectos**, vol. 3, pág. 213.

3. O Apóstolo Paulo diz que «o dia do Senhor virá como um ladrão de noite» (1 Tessalonicenses 5:2). Que quererá isso dizer? Ler **O Desejado de Todas as Nações**, págs. 478, 479; **O Grande Conflito**, págs. 298, 299.

4. Como reagirá o povo de Deus no momento da vinda de Jesus? Ler **Mensagens aos Jovens**, pág. 166; **Primeiros escritos**, pág. 110; **O Grande Conflito**, pág. 513.

esquecida. Com pedaços de carvão, escreviam nas rochas mensagens, orações e nomes de pessoas queridas. Mas uma palavra que aparecia mais frequentemente, repetida muitas vezes, era **vita, vita, vita**, «vida, vida, vida». Tinham a certeza de possuir a vida. Sabiam que, se morressem, voltariam a viver. Sofriam tudo aquilo com coragem, por causa do que se havia passado certo domingo de manhã. Era ainda escuro quando isso aconteceu, mas então tudo passou a ser diferente. O mundo, depois dessa altura, deixou de ser o mesmo. De que estamos a falar? Da ressurreição, evidentemente. Na sexta-feira anterior, os discípulos de Jesus tinham-n'o visto exposto à zombaria. No entanto, Ele nunca fizera mal a ninguém. Cansado e esgotado, torcendo-se de dor, tinha sido pregado sobre uma cruz para morrer entre dois malfetores.

Os discípulos estavam naturalmente desanimados. Nem pensavam sequer em arranjar para Jesus uma sepultura decente. Foi um amigo secreto de Jesus que se encarregou disso. Curiosamente, as autoridades mostraram um interesse particular por aquele enterramento. Não tinha o homem dito que ressuscitaria? Por isso, os chefes dos Judeus pediram que o túmulo fosse selado. Puseram mesmo guardas diante da pesada pedra que lhe tapava a entrada. Queriam ter a certeza de que ninguém poderia roubar o corpo daquele agitador.

Mas nem todas aquelas precauções podiam embaraçar Jesus. Ele era a vida. De manhã cedo, as mulheres descobriram o túmulo vazio. Quando encontraram João, gritaram para ele: «Jesus ressuscitou. É verdade!» Depois João gritou a Pedro: «É verdade, o sepulcro está vazio!» E desde então, milhões de pessoas têm repetido: «É verdade, Ele ressuscitou.» Jesus cumpriu a sua promessa. A morte não o podia reter cativo.

Tudo o que Jesus disse é verdade. Quando disse aos seus discípulos que teria de sofrer e deixá-los durante um certo tempo, afirmou também que voltaria para os levar juntamente com ele (*). Depois, um dia, quando eles o rodearam no monte das Oliveiras, prometeu-lhes um poder especial para irem até ao fim do mundo falar de liberdade. Então, lentamente, ele ascendeu para seu Pai. Quando os discípulos estavam a vê-lo desaparecer, dois anjos disseram-lhes: «Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há-de vir assim como para o céu o vistes ir (*).»

É por isso que os prisioneiros das minas da Númia podiam escrever nas rochas **vita, vita, vita**. Sabiam que aquele mesmo Jesus que morreu na cruz para pagar o preço do pecado lhes tinha aberto um caminho para o céu e que ele voltaria. Ressuscita-los-

-ia e dar-lhes-ia a felicidade. Diziam: «É verdade!», e por essa verdade davam a sua vida.

Há muitas promessas na Bíblia. Um homem, que a leu vinte e sete vezes de seguida, encontrou nas suas páginas 8 810 promessas directas. Satanás também faz promessas, mas é mentiroso. Muitas pessoas fazem promessas que nunca cumprem, mas porque Deus não é mentiroso, nós acreditamos naquelas que ele faz.

No princípio da história dos homens, Deus prometeu que viria alguém para destruir a Serpente. Mais tarde, no livro de Daniel, Deus precisou o momento em que viria esse libertado (*). A Bíblia diz: «Vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei ...(*)» Assim, Deus cumpriu a sua promessa.

Sobre a torre das muralhas duma velha cidade suíça, encontra-se um relógio muito interessante. Os visitantes esperam que ele bata as horas, porque querem ver uma coisa extraordinária que acontece nessa altura. Com efeito, de cada vez que ele começa a dar as horas, aparece um desfile de pequenas personagens. Essas figuras avançam e voltam a desaparecer. Sem falhar, aquele relógio trabalha desde 1530. Também na hora exacta, começou a extraordinária procissão dos acontecimentos prometidos por Deus. Encontram-se, no Antigo Testamento, mais de cem profecias anunciando a primeira vinda de Jesus. E todas elas se cumpriram duma maneira perfeita.

Agora Jesus vai voltar. Ele não nos disse exactamente quando, mas disse-nos porquê e como viria. Toda a gente dará pela sua vinda. Deus quer que toda a gente seja informada desse extraordinário acontecimento. Jesus tem de voltar por causa do pecado que se manifesta no mundo. O pecado provoca muita tristeza na vida das pessoas e nas suas famílias. Lembro-me de uma vez em que, na África, eu baptizava crentes num rio. Chegou a vez de uma mulher que trouxeram para o pé de mim em cima duma bicicleta. Ela não podia andar nem apertar nada com as mãos. Era leprosa. A sua declaração foi: «Quero ser baptizada porque amo Jesus. Quero fazer a sua vontade. Um dia ele virá dar-me um corpo novo.» Levantei os olhos para o céu e pedi a Jesus que viesse o mais depressa possível para apagar o pecado desta terra.

Então, Jesus tem de vir. Se o aceitarmos como Salvador, se nos esforcarmos para viver como ele nos pede, levar-nos-á para o seu reino. Para umas pessoas, o dia da sua vinda será o mais belo da sua vida; para outras, o dia mais triste. Escutemos estas palavras: «Nos últimos dias virão escarnecedores, andando segundo as suas próprias concupiscências e di-

zendo: Onde está a promessa da sua vinda? (*)» Não é a primeira vez que as pessoas fazem troça da Palavra de Deus. Já o fizeram no tempo de Noé. Pode ser que já tenham feito troça de vocês. Quando vieram as águas do dilúvio, acabou a troça. Houve também pessoas que troçaram de Lot quando ele anunciou a destruição de Sodoma.

Os convidados para o banquete de Belsazar troçaram de Deus quando beberam pelos vasos sagrados do templo de Jerusalém. Mas, subitamente, apareceu uma mão escrevendo uma sentença na parede. Ninguém mais riu, mas já era demasiado tarde. Naquela noite, o rei foi morto com todos os seus convidados (*).

Os escarnecedores podem fazer troça, mas a promessa de Jesus realizar-se-á. Há pessoas que não fazem troça, mas que não são capazes de acreditar. Vivia uma dessas pessoas numa pequena aldeia da Inglaterra chamada Tewin. O seu nome era a Sr.^a Anne Grimston. Depois de ter gasto a sua vida em coisas fúteis, caiu gravemente enferma no seu belo castelo. Os amigos procuraram levá-la a dirigir-se para Deus. Sabiam que ela não estava pronta para se encontrar com o Criador. Mas ela disse: «Assim como vivi, assim morrerei. Não acredito nem na ressurreição nem numa vida para além desta. Hei-de ressuscitar tanto como há-de crescer uma árvore em cima do meu corpo.»

Depois do enterro daquela senhora, foi colocada uma grande placa de mármore sobre o seu túmulo. Passaram-se muitos anos, mas os aldeãos nunca se esqueceram das famosas palavras da castelã. Ora, naquela sepultura, germinava uma pequenina semente. Pouco a pouco ia empurrando o mármore, até que este abriu uma fenda. Cresceu uma árvore e, hoje, toda a gente a pode ver com os seus quatro curiosos troncos e os seus ramos. Quando visitam aquele famoso túmulo, muitos dizem: «É verdade! Jesus vem, e as sepulturas abrir-se-ão.»

É certo que se produzirão muitos acontecimentos antes da sua volta. Haverá sinais na natureza, no sol e na lua. Tremores de terra, guerras, fomes, epidemias surpreenderão os homens. Esses sinais estão já a cumprir-se aos nossos olhos. Depois divulgar-se-ão mentiras. Aliás há alguns que dizem que Jesus já veio. Outros afirmarão que a sua vinda será invisível. A Bíblia, porém, declara: «Eis que vem com as nuvens, e todo o olho o verá (*).» Quando Jesus vier, será acompanhado por milhões de anjos, abrir-se-ão as sepulturas, e os mortos ressuscitarão. Como poderão as pessoas dizer que Jesus já veio?

Um dia, encontrei em Londres um jovem que trazia no casaco a imagem de um rapaz da Índia. Perguntei-lhe quem era aquele rapaz. «Oh, disse-me

ele, é o salvador do mundo. Chama-se Maharaj Ji. Ele anuncia ao mundo uma era de mil anos de paz.» Mais um substituto falso de Jesus Cristo.

Certo africano rico disse-me uma vez: «Vocês, adventistas, perdeis o vosso tempo. Pretendeis que Jesus vai voltar. Eu é que sou Jesus. E estou aqui.» Estava ali na minha frente, com as suas belas vestes, diante da sua grande casa sobre a qual se lia: «Aqui mora Emanuel, rico em misericórdia e todo-poderoso.» Jesus advertiu-nos: «Acautelai-vos, que ninguém vos engane. (8)»

Lede a vossa Bíblia. Então sabereis exactamente o que vai acontecer.

*
* * *

Quer o creiamos quer não, Jesus voltará. Quer estejamos ou não preparados, ele voltará. Quando ele chegar, muitos esconder-se-ão nos rochedos e lhes dirão: «Caí sobre nós, e escondi-nos do rosto daquele que está assentado sobre o trono (9).» Outros exclamarão: «Eis que este é o nosso Deus, a quem aguardávamos, e ele nos salvará (10).» Todos nós esperamos fazer parte deste último grupo, não é verdade?

(8) João 14:1-3.

(9) Actos 1:11.

(10) Dan. 9:24-27.

(11) Gál. 4:4.

(12) II Pedro 3:3, 4.

(13) Daniel 5.

(14) Apoc. 1:7.

(15) Mat. 24:4.

(16) Apoc. 6:16.

(17) Isa. 25:9.

passos sobre a Lua. Um aparelho tinha pousado sobre o árido espaço chamado mar da Tranquilidade. Graças a uma técnica muito avançada, a viagem tinha sido um êxito.

Quando Neil Armstrong desceu a escada que lhe permitiu pôr o pé sobre a Lua, tinha consigo alguns objectos levados da Terra e que devia lá deixar: uma placa de bronze assinada pelo presidente dos Estados Unidos, mensagens dos chefes políticos e uma citação da Bíblia. Esta última continha o seguinte texto: «Quando vejo os teus céus, obra dos teus dedos, a Lua e as estrelas que preparaste, quem é o homem mortal para que te lembres dele? e o filho do homem, para que o visites? (1)»

O que é um rapaz ou uma menina no imenso universo de Deus? No entanto, vós não sois esquecidos. Deus tem pensamentos muito importantes a vosso respeito e quer que tenhais pensamentos justos a respeito de vós mesmos. É só quando compreendemos o fantástico plano que Deus concebeu para nós, que começamos verdadeiramente a viver.

Somos maravilhosamente feitos

Ouvimos às vezes dizer que tal ou tal pessoa tem uma opinião muito elevada a respeito de si mesma. Mas, em certo sentido, isso é impossível. Naturalmente, refiro-me ao sentido do grande valor que Deus atribui às nossas vidas. David diz-nos nos Salmos: «Eu te louvarei, porque de um modo... tão maravilhoso fui formado (2).»

Alguém de vós possui uma máquina fotográfica? Alguém poderá responder: «Sim, os meus pais compraram-me uma no dia dos meus anos. Tira boas fotografias, a cores! É uma boa marca. Tenho que tomar cuidado para que dure.» Outro dirá: «Eu cá não tive nenhuma máquina fotográfica pelo meu aniversário.» E no entanto recebeu! E até a utiliza desde que nasceu. Os nossos olhos são uma extraordinária máquina fotográfica.

Ouvi falar numa máquina fotográfica capaz de tirar seis milhões de fotografias por segundo. Para projectar essas fotografias, seriam necessárias pelo menos noventa horas seguidas. E no entanto, a nossa máquina é melhor do que essa. Quando queremos tirar uma fotografia, temos geralmente que regular a distância. Os olhos fazem isso naturalmente, por si mesmos. Podemos olhar muito longe, para as nuvens, depois olhar de repente para os dedos, sem que a nossa visão se desfoque. Trata-se de um maravilhoso mecanismo regulado por Deus.

Quando visitei a leprosaria de Manganá, na Serra Leoa, vi um médico examinar um doente cujos músculos

oculares não funcionavam naturalmente. Não podia baixar as pálpebras e tinha os olhos infectados. Planeou-se uma operação para tentar curá-lo. Mas até esse momento, eu não tinha ainda pensado nesse curioso mecanismo das minhas pálpebras que protegem os globos oculares e limpam constantemente as lentes que eles têm. Tendes uma ideia bastante elevada do valor dos vossos olhos?

A este propósito, que lhes oferecis vós em matéria de leitura ou programas de televisão? Deus tem um plano para os vossos olhos. Um grande homem da Bíblia, Job, disse uma vez: «Fiz concerto com os meus olhos (3).» E no Apocalipse, já lemos: «Eis que vem com as nuvens, e todo o olho o verá (4).» Uma geração verá Jesus voltar. Que haverá de mais extraordinário para os olhos humanos do que ver Jesus na sua glória! O plano que Deus tem para vós é poderdes contemplar essa volta com alegria.

Já encontrastes alguma pessoa trazendo atrás da lapela um distintivo representando uma gota de sangue? Trata-se de um dador (ou dadora) de sangue que, a intervalos regulares, dá do seu sangue para que este possa ser injectado noutra pessoa que dele tenha necessidade. Eis uma excelente maneira de manifestar interesse pelo próximo. Sabeis para que serve o sangue? Ele leva tudo o que é necessário, oxigénio, proteínas e outras substâncias, às diferentes partes do corpo. E não só isso, mas liberta o nosso organismo de numerosos venenos. Essas operações, que se sucedem sem interrupção, fazem-se através de um sistema muito complexo de finos tubos chamados os capilares. Acrescentados uns aos outros, eles representariam um comprimento de 15 000 quilómetros. Com o coração, colocado no centro desse sistema, trata-se de mais uma maravilha do nosso corpo.

Já alguma vez andaram dentro de um coração? Isso já me aconteceu, em Chicago, numa exposição. Aquele coração artificial era tão grande como uma casa. Visitando-o e compreendendo melhor tudo o que aquele órgão fazia, fui tomado de um maior respeito pelo meu próprio coração. Deram-me uma bola para eu apertar com a minha mão com a mesma força que o coração deve empregar em cada contracção. Eu tinha de repetir o gesto tantas vezes quantas fosse capaz. Depressa me cansei e tive de parar. Ora o nosso coração tem de repetir o seu esforço cerca de setenta vezes por minuto, e 40 milhões de vezes por ano.

O coração, centro dos nossos afectos

Tendes, para o vosso coração, pensamentos elevados? A Bíblia fala, com efeito, do coração, não apenas como

2-É VERDADE!

DEUS TEM UM PLANO PARA VÓS

Milhões de telespectadores observavam o pequenino écran. Um grande número de outras pessoas escutavam na rádio as notícias que lhes eram dadas minuto após minuto. Passava-se isso no dia 20 de Junho de 1969, dois dias antes do Congresso mundial da juventude adventista que se realizou em Zurique, na Suíça. Toda a gente estava grandemente impressionada. Um homem dera os primeiros

um músculo, mas também como centro da personalidade e dos nossos afectos em particular.

Dizemos aliás que uma pessoa tem bom coração, ou que ela não tem coração. Deus pede-nos que não fechemos o nosso coração aos seus apelos, nem às necessidades daqueles que nos cercam. Todos os filhos da mesma mãe encontram um lugar no seu coração. Assim todos os filhos dos homens encontram um lugar no coração de Deus.

Quando eu visitava o México, uns amigos levaram-me a ver um monumento estranho chamado a Pirâmide do Sol. Disseram-me que, noutro tempo, havia no cimo daquele edifício de pedra altares sobre os quais sacerdotes sacrificavam rapazes e meninas. As pessoas reuniam-se ao pé da pirâmide. Depois de algumas práticas de magia, os sacerdotes estrangulavam as suas vítimas, tiravam-lhes o coração e ofereciam-no ao Sol para que ele continuasse a brilhar. Na base do monumento encontravam-se ainda numerosas sepulturas testemunhando a enorme quantidade de jovens assim sacrificados.

Sentimos horror ao ouvir estas coisas. E temos razão para isso. Deus espera a oferta do nosso coração, mas em circunstâncias muito diferentes e num espírito totalmente diverso. Devemos fazer-lhe uma oferta inteligente de todas as nossas faculdades íntimas. É isso que ele nos pede com bondade quando diz: «Dá-me, filho meu, o teu coração (1).» Ele sabe que a única maneira de realizarmos o seu plano é abandonando-nos a ele e oferecendo-lhe os nossos talentos, o nosso afecto e o nosso melhor serviço. Não precisais de ter mais idade do que aquela que tendes para fazer isso. Deus conhece-vos e considera-vos pessoas muito preciosas.

Encontrei um dia, na África, um chefe que tinha dezassete mulheres e setenta e dois filhos. Quis tirar uma fotografia da família completa, ou seja noventa pessoas. Mas quando o chefe percorreu os arredores para reunir os filhos, ficou sem ter a certeza se alguns eram seus ou do chefe da aldeia vizinha. Não pude tirar a fotografia. Deus, felizmente, não tem esse embaraço. Conhece-nos todos pelo nosso nome.

Sabeis que todos temos sinais absolutamente distintos, pelos quais podemos ser reconhecidos? Falo das nossas impressões digitais. Quando estive em Washington, nos Estados Unidos, visitei uma sala dos escritórios da FBI, onde se conservam todas as impressões digitais de 159 milhões de pessoas. Várias dessas impressões são de criminosos. Se é cometido um crime a alguns quilómetros daqueles escritórios, e se a polícia pode recolher uma impressão deixada talvez sobre a carroceria dum automó-

vel, o criminoso pode ser reconhecido em menos de um quarto de hora, se as impressões dele figurarem nos ficheiros. Alguns procuram destruir as suas impressões digitais, nos próprios dedos, mas passado algum tempo elas voltam a formar-se exactamente com os mesmos desenhos.

Se a polícia dispõe de tais conhecimentos, podemos compreender que, para Deus, nunca passamos despercebidos na multidão. Mas não se deve deduzir da minha descrição que Deus seja um polícia procurando acusar-nos de crime. Ele alegra-se quando reconhecemos as nossas faltas, mas isso é apenas o primeiro passo que nos propõe para que vivamos plenamente. É no entanto verdade que aqueles que fogem de Deus terão um dia que enfrentá-lo como juiz: «De maneira que cada um de nós dará conta de si mesmo a Deus (2).»

Na escola, acontece que um aluno, durante um exercício, às vezes pede uma informação ao seu colega. Este, às vezes, fornece-lhe a resposta. Mas, no julgamento divino, nenhum dos nossos colegas ou parentes poderá responder no nosso lugar. Deus espera na nossa vida a nossa resposta pessoal. Viver na verdade é uma coisa importante.

Mas não é também encorajador saber que Deus, quando decidimos servi-lo, nunca nos pode perder de vista? Daniel sabia-o, mesmo quando estava na cova dos leões. Dario presentiu isso quando lhe disse: «Daniel, servo do Deus vivo! dar-se-ia o caso que o teu Deus a quem tu continuamente serves, tenha podido livrar-te dos leões (3)?» Este pôde responder ao rei: «O meu Deus enviou o seu anjo, e fechou a boca dos leões, para que não me fizessem dano (4).» Também José não foi esquecido na prisão, depois de ter sido injustamente acusado pela mulher de Putifar.

Assim Daniel e José e muitos outros descobriram o plano de Deus para as suas vidas e confiaram plenamente nele. Decidiram empregar todas as energias do seu ser (o que significa a palavra coração, em hebreu), para a glória de Deus.

Lembraís-vos da mensagem deixada na Lua? «Quando vejo os teus céus... Quem é o homem mortal para que te lembres dele (5)?» Este texto convidava-nos a viver na terra em comunhão com Deus, antes de viver com ele no seu reino.

(1) Salmo 8:3, 4.

(2) Salmo 139:14.

(3) Job 31:1.

(4) Apoc. 1:7.

(5) Prov. 23:26.

(6) Rom. 14:12.

(7) Dan. 6:20.

(8) Dan. 6:22.

(9) Salmo 8:4.

3-É VERDADE!

A ESCOLHA É VOSSA

Dissemos, na nossa comunicação anterior, que Deus tem um plano para nós. Mas pensais que Ele no-lo impo-

nha? Há um texto bíblico que me impressiona particularmente. É o de João 10:10, onde Jesus declara: «O ladrão não vem senão a roubar, a matar, e a destruir; eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância.» Há alguns que pensam que Jesus lhes quer tirar a alegria. Mas, com efeito, o ladrão é Satanás. Pensai em todas as famílias onde ele introduziu a tristeza, porque não se acautelaram contra ele.

Jesus não opõe uma negação às alegrias da vida. Ele veio para dar e não para tirar. Já notastes que a cruz forma um sinal de adição? Jesus veio para acrescentar alguma coisa à vida de cada ser humano. Mas ele não impõe nada. Deixa-nos decidir.

Alguns escolhem mal na sua vida. Reconhecem isso muitas vezes quando já são velhos, mas já é demasiado tarde. Recordo-me de um rapaz que estava num acampamento na montanha. Depois duma excursão rica em surpresas, escreveu aos seus pais um pequeno relatório. Eis o principal do que ele dizia: «Ontem, caminhámos muito nas montanhas. Foi muito interessante; só que nos enganámos no cimo onde queríamos chegar.» Enganar-se assim pode não trazer consequências de maior. Mas enganarmo-nos no objectivo da nossa vida pode ser trágico.

Efectivamente, a vida é determinada pelas escolhas, pequenas ou grandes, que façamos. Se nos decidirmos mal, arriscamo-nos muitas vezes a não voltar a ter uma segunda oportunidade de escolher.

Jesus teve também as suas horas de escolher. Lemos que um dia «o transportou o diabo a um monte muito alto; e mostrou-lhe todos os reinos do mundo, e a glória deles. E disse-lhe: tudo isto te darei se, prostrado, me adores. Então disse-lhe Jesus: Vai-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor teu Deus adorará, e só a ele servirás (1).»

O diabo tem muitos cimos a propor-nos. Mas tudo o que se torne para nós mais importante do que servir a Deus é perigoso e enganador. Certamente que o Senhor quer que moremos em casas, que sejamos alimentados e vestidos, mas, para alguns, o dinheiro e os bens, ou ainda a glória, tornam-se mais importantes do

que o próprio Deus. Eles fazem ídolos dessas coisas.

Examinemos de mais próximo os diferentes cimões a que Satanás nos propõe de trepar. Consideremos primeiro o das riquezas. Que multidão neste mundo se encontra em marcha para esse cimão! E tantas vezes ao preço de quantas concessões! Penso na desonestidade comercial, no roubo, no crime, no jogo. Mas há também pessoas que, em b o r a esforçando-se por se conservarem honestas, se deixam atrair pela mira do lucro ou dominar pelo conforto, a ponto de negligenciar na sua vida a vontade expressa de Deus.

Um jovem chegou um dia ao pé de Jesus. Pertencia a um alto nível da sociedade da época e tinha muito dinheiro, mas não estava satisfeito. Perguntou ao Mestre o que devia fazer para ter a vida eterna. Era um jovem bem intencionado. Quando Jesus lhe disse que observasse os mandamentos, pôde responder que se tinha sempre esforçado por guardá-los. Então Jesus deu-lhe este conselho: «Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens, e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu (?).» O jovem hesitou, reflectiu. Depois, «retirou-se (?).» Enganou-se no cimão.

No escritório da Missão em Acra, no Gana, trabalha um irmão chamado Vendredi, que se encarrega das compras na cidade. Um dia, um empregado do banco deu-lhe 5 000 francos a mais. Não deu por isso até chegar de novo ao escritório. Ter-lhe-ia sido muito fácil guardar o dinheiro e comprar bastantes coisas que há tanto tempo desejava comprar! Mas não se demorou a pensar, pegou na bicicleta e voltou ao banco onde o empregado, tendo já dado pela falta do dinheiro, se encontrava agitado. Quando Vendredi lhe devolveu o dinheiro, aquele homem não acreditava no que viam os seus olhos e desfez-se em sinceros agradecimentos. Alguém que se encontrava ali ao pé, murmurou para Vendredi: «Você é louco.» E Vendredi respondeu: «Não, o que eu sou é cristão.» Ali estava uma pessoa que, em assuntos de dinheiro, não se enganou no cimão.

Outra montanha que nos pode tentar é a do prazer. «Que quer o irmão dizer?» pensam vocês. Será mal rir e ser alegre? De modo nenhum. Jesus mesmo gostava de viver e ficava satisfeito de nos ver alegres. Os artistas pintores dão-nos às vezes uma imagem falsa de Jesus. Um pequeno espanhol chamado Murillo era desta opinião. Havia na sua casa uma pintura que lhe desagradava. Representava Jesus criança com um cordeirinho ao colo. Murillo achava que Jesus devia ter um cão ao colo e ser pintado sem aquela auréola em volta da cabeça. Um dia em que não estava mais ninguém em casa, pegou nos pincéis e nas tintas do seu pai e, como tinha muita habilidade (foi ele que se tor-

nou o pintor célebre), deu a Jesus um belo sorriso, desenhou-lhe um chapéu na cabeça e pintou-lhe um cãozinho mesmo ao pé.

Quando voltaram, os pais ficaram espantados com o talento do rapaz, mas não gostaram daquela maneira de tratar a pintura. Um amigo que se encontrava de passagem compreendeu o génio da criança e conseguiu que o mandassem para a Academia das artes de Sevilha.

Há pessoas que pensam que o prazer deve ser servido prioritariamente. Arriscam-se a dar prova de muito egoísmo. A Bíblia diz que, nos últimos dias, haveria homens «mais amigos dos deleites do que amigos de Deus (?).» Uma menina filha duma família não-cristã queria seguir a Jesus. Quando lhe falei do que isso implicava, ela disse-me: «Que vou eu fazer depois da escola durante os fins-de-semana? Os meus pais querem que eu vá dançar. Eles já compraram os bilhetes. O que é que Jesus pensa de tudo isto? Não acredito que ele quisesse acompanhar-me.»

«Você mesma já respondeu à sua pergunta», disse-lhe eu. Após um momento de reflexão, deixou-se escorregar da cadeira onde se tinha sentado, pôs-se de joelhos e dirigiu-se a Deus numa oração muito simples em que se abandonava nas suas mãos. Ela tinha renunciado à montanha dos prazeres habituais pelo prazer de viver na companhia de Jesus.

Consideremos um outro cimão. O da reputação, ou da glória.

Há pessoas que se tornaram célebres por verdadeiro mérito. Poderíamos citar muitos nomes. Penso, por exemplo, em Maria Curie, cujas descobertas permitem tratar o cancro; em Florence Nightingale que foi uma notável enfermeira; em David Livingstone, o grande missionário. Muitos rapazes gostariam de ser como os astronautas da Apollo 11. Depois do regresso, fizeram um passeio oficial pelas ruas de Nova Iorque. As pessoas lançaram sobre eles 3 500 toneladas de confetti e fitas de papel.

Deus deseja que sejamos célebres, mas não em nosso prejuízo. Jenny Lind, uma famosa cantora sueca, fazia sempre encher as salas onde cantava, mas, com a idade de vinte e nove anos, abandonou o palco. «O quê? diziam-lhe as pessoas, você afasta-se quando é ainda a nossa maior vedeta!» Ela mostrava então a Bíblia que tinha começado a ler e respondia: «À medida que descobro o que Deus pensa, compreendo melhor que me tinha embebido por um caminho falso.» Aquela cantora consagrou depois todos os seus talentos à glória do seu Criador.

Muito antes dela, Moisés, depois de ter encontrado o Senhor, diz a Bíblia que «recusou ser chamado filho da filha de Faraó, escolhendo antes ser maltratado com o povo de Deus do que

por um pouco de tempo ter o gozo do pecado (?).» Em vez de viajar num carro de ouro e de ser enterrado numa pirâmide, foi levado para o céu. Em vez de ser hoje uma múmia num museu, vive agora na casa de Deus.

O livro de Daniel (12:3) mostra-nos a glória superior que nos é proposta: «Os entendidos, pois, resplandecerão, como o resplendor do firmamento; e os que a muitos ensinam a justiça refulgirão como as estrelas sempre e eternamente.» Este é o cimão que Deus nos convida a conquistar. Não existe outro mais alto e mais belo.

Os vossos pais podem amar Jesus. Ides com eles à igreja. Já os tendes visto separar o dízimo, dar as suas ofertas. Já os ouvistes orar, mas deveis, vós, oferecer-vos a Deus. A mãe de um feliz rapaz dizia-me que ela se tinha entregado ao seu Salvador quando tinha dez anos. Sentia ainda muita alegria de o ter feito e experimentava todos os dias o cumprimento da promessa de Jesus a que já nos referimos: «Eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância (?).» Podeis, a partir de hoje mesmo, apoiar-vos nesta promessa.

(1) Mat. 4:8-10.

(2) Mat. 19:21.

(3) Mat. 19:22.

(4) II Tim. 3:4.

(5) Heb. 11:25.

(6) João 10:10.

4 - É VERDADE!

HÁ ALGUÉM

QUE VOS QUER MAL

Quando se viaja através da Europa, descobrem-se muitos castelos. Alguns estão em ruínas, mas outros foram conservados ou restaurados ao estado em que se encontravam há vários séculos. Os turistas procuram frequentemente imaginar a maneira como se vivia no tempo da construção desses castelos. Nesse tempo não se conheciam nem bombas, nem aviões, nem automóveis.

É divertido passear em cima das muralhas desses castelos, ou subir às suas torres. Os muros são muito espessos e as estreitas aberturas per-

mitiam aos archeiros atirar em segurança. Em volta do castelo, uma fossa cheia de água impedia o inimigo de se aproximar das muralhas. A ponte de acesso podia levantar-se do interior, e o senhor com os seus homens ficava protegido, a menos que...

A menos que o inimigo dispusesse de meios de ataque postos ao serviço da vontade tenaz de se apoderar do castelo. Algumas vezes os assaltantes procuravam cavar uma passagem subterrânea que fosse sair no meio da praça. Ou então acontecia que as portas se quebravam sob o efeito das pancadas repetidas dum aríete de madeira e ferro manejado por vários homens. Alguns não tinham medo de lançar escadas sobre as ameias com o risco de apanharem com azeite a ferver ou grandes pedras na cabeça. Empregavam-se também catapultas ou esperava-se simplesmente que os sitiados morressem de fome.

Mas o método mais eficaz era ter um traidor no interior do castelo. Ele abria a porta ao inimigo. Foi assim que caiu a maior fortaleza do mundo. Era protegida por uma muralha de 2400 Km de comprimento e 8 a 10 metros de altura. Era tão espessa que em cima podiam circular cavaleiros. As ruínas dessa muralha são ainda visíveis no norte da China, onde foi construída pelo imperador Shih Huang Ti para deter os Tártaros. Mas não serviu de nada, porque estes conseguiram comprar as sentinelas que lhes abriram as portas.

Cada um de nós tem um castelo a defender. E tanto mais quanto ele se encontra no meio do território inimigo. Há dois textos bíblicos que sublinham esta situação: «Por isso o mundo nos não conhece; porque o não conhece a ele [a Deus] (1).» «Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as saídas da vida (2).»

Certo pregador exprimiu tudo isso de maneira figurada, dizendo: «Quando vos entregais a Jesus, ele não vos mete dentro numa caixa com uma etiqueta com as indicações: 'Destino Céu. Manter a posição vertical. Manejar com cuidado.' Não, fica-se no meio numa verdadeira batalha, porque o diabo nos quer mal. Ele fará tudo o que puder para nos reconquistar.

Durante a última guerra mundial, um dos grandes generais dizia que dentro da sua tenda tinha a fotografia de um comandante das forças inimigas. Todas a manhãs, o general olhava para aquela fotografia e pensava: «O que será que este homem tem hoje preparado para nos derrotar?»

Poderíamos fazer a mesma coisa. Jesus dizia a Pedro: «Simão, Simão, eis que Satanás vos pediu para vos cirandar como trigo (3).» O apóstolo Paulo advertia os primeiros cristãos nestes termos: «Se é que tenho per-

doado, por amor de vós o fiz... para que não sejamos vencidos por Satanás; porque não ignoramos os seus ardis (4).» O diabo procura sempre conhecer o nosso ponto fraco e é por aí que ele ataca.

Uma ou outra das táticas do inimigo para entrar num castelo muitas vezes dá resultado. As de Satanás permitem-lhe também atingir os seus fins. Ele emprega o aríete das tentações repetidas. José teve essa experiência com a mulher de Putifar que o perseguia «cada dia (5)». A sua lealdade a Deus foi a sua defesa. Satanás pode infligir-nos a privação da Palavra se não tivermos o cuidado de a estudar e meter na memória. Talvez o inimigo esteja a cavar de baixo dos nossos muros para se instalar no nosso coração, ou então a forçar uma porta. A sua primeira tentativa com a raça humana (que, infelizmente, resultou) respeita justamente a uma porta. Foi o ouvido de Eva! Ela não soube repelir as insinuações do tentador, segurando-se ao que Deus havia declarado. Jesus resistiu ao seu adversário retorquindo-lhe: «Está escrito» e citando-lhe um texto que se aplicava naquela circunstância.

No Ruanda, no centro da África, um homem ainda novo tinha-se tornado cristão. Mas tinha um problema. Quando a lua nova começava a brilhar e os aldeãos dançavam ao som dos tambores sobre a colina vizinha, voltava-lhe à memória a sua vida passada e ele sentia vontade de se juntar aos seus antigos companheiros. Um adventista mais firme, conhecendo a tentação daquele cristão, ia então visitá-lo, orava e cantava com ele. Assim, o jovem se fortaleceu. Talvez vocês conheçam a quem possam ajudar da mesma maneira. Já não se tratará de tambores na África, mas pode ser uma música ou encontros que ameacem um amigo de quebrar a sua lealdade a Deus.

Outra porta que é preciso vigiar bem é a dos olhos. Em **Mensagens aos Jovens**, Ellen White diz-nos: «Deves tornar-te fiel sentinela dos teus olhos, ouvidos e todos os sentidos, se quiseres dominar a mente (6).» Um estudante contou como um dia um amigo pôs na sua frente uma fotografia sugerindo pensamentos impuros. Foi uma questão de segundos, mas foram necessários vários anos, àquele estudante que queria viver uma vida pura, para que se apagasse a impressão recebida.

Isto faz-me pensar em certas lanças que eram utilizadas nas guerras tribais em África. As aldeias, ou grupos de cabanas com tectos de colmo, eram protegidas por altas vedações. Mas a ponta das lanças tinha a forma de um pequeno cesto com carvões acessos. Quando as lanças eram lançadas pelo ar, avivava-se o fogo dos carvões e, se caíam em cima dos tec-

tos, lançavam-lhes fogo. A aldeia toda podia ser destruída por uma só destas lanças. É assim que, mal protegido, o homem pode ver-se invadido pelas suas paixões e ser destruído como por um fogo.

Os ladrões, na antiga China, tinham um método muito habilidoso para se desembaraçar dos cães que guardavam a casa. Pegavam num pedaço de bambu verde, com alguns centímetros de comprimento, e aguçavam-no nas duas pontas. Depois, com um fio, faziam aproximar as duas extremidades dando ao bambu a forma de um O. Escondiam-no seguidamente dentro de uma bola de massa de pão misturada com carne. Durante a digestão, o fio que segurava as pontas do bambu partia-se e estas furavam-lhe o intestino. Pouco tempo depois, o cão morria. Matando o guarda, os ladrões ficavam com o acesso à casa livre.

«Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as saídas da vida.» Não deixes o inimigo matar os teus guardas.

A boca é outra porta pela qual ele procura penetrar. Daniel, no cativeiro, estava sempre pronto a repeli-lo. A Bíblia diz-nos: «Daniel assentou no seu coração não se contaminar com a porção do manjar do rei, nem com o vinho que ele bebia (7).» Nada que lhe pudesse enfraquecer a vontade de servir a Deus passaria pela sua boca. Ellen White escreveu: «Sem saúde ninguém pode compreender distintamente as suas obrigações, ou completamente cumpri-las para consigo mesmo, os seus semelhantes ou o seu Criador. Portanto, a saúde deve ser tão fielmente conservada como o carácter (8).»

O que deixamos entrar no nosso organismo pode ter consequências trágicas. Lembro-me dum rapariga que falava na televisão. Dizia ela: «Quero ser livre. Sei que sou uma escrava e que a heroína é o meu dono.» Ela lembrava como alguém, durante um serão, lhe ofereceu um cigarro. Ela já fumava, mas não sabia que aquele cigarro continha alguma coisa além da nicotina. O pecado e a degradação começam muitas vezes de maneira muito discreta.

Quando os Pigmeus do Zaire, no centro da África, querem construir uma ponte por cima de um rio infestado de crocodilos, atam uma pedra a uma corda fina e lançam-na para alguém que se encontra na outra margem. Depois, ao longo daquela corda fazem passar uma mais grossa e, sempre da mesma maneira, conseguem unir as margens com uma passagem suficientemente forte para suportar o seu peso.

Um só cigarro aceito na intenção de fazer ver aos outros que se não é já criança, um único copo que se

bebe num encontro para fazer como toda a gente, e aí está o primeiro fio a ligar o Tentador e o vosso espírito.

Lembram-se da história do cavalo de Tróia? Os Gregos tinham decidido entrar naquela cidade. O cerco já durava há dez anos. O que poderiam fazer para vencer os Troianos? Alguém teve uma ideia: «Subamos para os nossos barcos e façamo-nos ao largo, mas deixemos um grande cavalo de madeira na margem. Eles acreditarão que o teremos construído para honrar os deuses. Deixemos soldados escondidos dentro dele.»

Os Troianos deram prova de uma grande confiança. Puseram-se a dançar em volta do cavalo, não ouvindo a advertência do sacerdote que, tendo dado uma pancada com a lança no ventre do animal, achou que era oco. Na sua alegria de ver partir o inimigo, fizeram uma brecha na muralha da cidade e meteram lá dentro o cavalo. Durante a noite, os soldados saíram por uma abertura escondida e abriram as portas da cidade. Dos barcos que tinham regressado, os Gregos precipitaram-se ao ataque e Tróia foi destruída. O que não tinha sido conseguido durante dez anos fez-se nalgumas horas. Essa é a sorte que espera os que não são suficientemente prudentes.

É verdade! Há alguém que vos quer mal. Esse alguém é o Adversário. Mas também é verdadeira esta palavra da Escritura: «Se Deus é por nós, quem será contra nós? (*)» Jesus sabe que desejais estar preparados para o receber. Ele conhece-vos bem. Pela sua graça, podereis resistir aos ataques do inimigo.

(*) I João 3:1.

(*) Prov. 4:23.

(*) Luc. 22:31.

(*) II Cor. 2:10, 11.

(*) Gén. 39:10.

(*) Mensagens aos Jovens, pág. 76.

(*) Dan. 1:8.

(*) Mensagens aos Jovens, pág. 232.

(*) Rom. 8:31.

5-É VERDADE!

NÓS PODEMOS GANHAR

Quem já experimentou andar com as mãos no chão, de cabeça para baixo, ficou a ver que não é coisa muito fácil. Efectivamente, nós não fomos concebidos para isso. No entanto, um homem chamado Johann Huslinger an-

dou em cima das mãos desde Viena na Austria até Paris, numa distância de 1 400 Km. Precisou para isso de cinquenta e cinco dias, à razão de dez horas por dia.

Nos Estados Unidos, outro homem atravessou o país andando de costas, com a ajuda de um espelho. Esta maneira de se deslocar não pode ser muito elegante, porque Deus nos fez para caminhar voltados para a frente, na direcção da nossa vista.

Falemos agora de outra travessia. Ela é muitas vezes longa e não faltam os espectadores. Há uma boa recompensa para todos os que a conseguem fazer. Trata-se, como já compreendestes da carreira da vida, como nos é apresentada pela Bíblia: «Portanto nós também, pois que estamos rodeados de uma tão grande nuvem de testemunhas, deixemos todo o embaraço, e o pecado que tão de perto nos rodeia, e corramos com paciência a carreira que nos está proposta, olhando para Jesus... (*)»

Alguns de vós são bons desportistas e já muitos conseguiram ganhar medalhas antes de chegar a adultos. Uma menina de doze anos, Karen Muir, da Africa do Sul, bateu, em 1965, o recorde mundial dos 100 metros em natação de costas. Os melhores ginastas do mundo têm menos de vinte anos. Como vimos na precedente passagem bíblica, o apóstolo Paulo tirava ilustrações dos jogos desportivos que atraíam muita gente às cidades gregas.

Assim a Bíblia diz que aquele que quer seguir Jesus é como alguém que corre num estádio. Parte dum ponto indicado e visa um objectivo preciso. Existem no entanto diferenças. Em competição, é preciso chegar primeiro que os outros. Na corrida da vida, é preciso chegar em boas condições.

Na Grécia, nem toda a gente estava autorizada a participar nos Jogos Olímpicos. Só um homem livre podia concorrer. Um escravo não podia, nem um criminoso, nem alguém que tivesse má reputação. Os estrangeiros eram excluídos. Na carreira da vida, todos tomam parte e todos podem ganhar. Jesus veio para nos tornar livres. Ele libertou-nos da condenação do pecado. Somos, pela fé, membros do reino de Deus. E vós mesmos, apesar da vossa idade, sois chamados também a correr.

Há, infelizmente, aqueles que nunca começam! Já mencionámos alguém nessas condições. Lembra-se quem era? Ele desejava a vida eterna. Sim, trata-se do jovem rico. Ele queria chegar sem abandonar certos privilégios, tomando por atalhos. Jesus mostrou-lhe que era impossível. Um dos mais tristes espectáculos neste mundo é ver uma pessoa que não parte para a corrida, apesar de ter pensado em seguir a Jesus.

Quando, um dia, o apóstolo Paulo falava ao rei Agripa, e o convidava a entrar na corrida da vida cristã, este

último respondeu-lhe, depois de um momento de reflexão: «Por pouco me queres persuadir a que me faça cristão (?).» Por pouco, não chega a ser coisa alguma! Durante os Jogos Olímpicos que tiveram lugar em Roma, em 1960, um italiano, único atleta representando o seu país, teria que correr os 800 metros. Mas não acordou a tempo e não pôde estar presente à partida. Que vergonha para ele e que remorsos! Tinha falhado a oportunidade da sua vida. Mas ainda é mais triste deixar escapar a oportunidade na carreira para a vida eterna.

Deus tem muitas maneiras de nos chamar para a corrida. Por altura de um congresso de juventude, um jovem tomou a sua decisão de seguir a Jesus. Era num sábado de manhã. Ele explicou-nos porquê: «Ainda há bem pouco tempo, eu estava dentro de um carro que sofreu um grave acidente e não fiquei ferido. Recentemente, dei uma queda de moto, sem me magoar muito. Enfim, há alguns dias apenas, escapei por pouco à morte num barco a motor que se voltou. Estou vivo como por milagre e creio que Deus me quis falar.»

Na carreira da vida, é-nos dada uma direcção precisa. Correi na direcção da vontade divina. Jesus mostrou-nos o caminho. Diz-nos ele: «Segui-me». O entomologista Jean Henri Fabre fez muitas experiências com lagartas. Um dia, observou uma procriação desses insectos contornando um vaso colocado no jardim. Como ele tinha outras da mesma espécie em reserva, completou a linha da procriação de tal maneira que formou um círculo fechado completo. Cada lagarta acreditou então que seguia um chefe e ficaram todas a andar à volta do vaso, curiosamente, durante sete dias. Na realidade, tinha deixado de haver um chefe, e não sabiam para onde iam.

Jesus quer conduzir-vos a um ponto que ele conhece porque é o vosso chefe. O primeiro versículo bíblico que o evangelista Billy Graham aprendeu de cor quando era criança foi o seguinte: «Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas (?).» Segui a Jesus, ele sabe por onde se deve passar.

Para correr com facilidade, os atletas libertam-se de tudo o que poderia atrapalhar os seus movimentos, ou atrasar o avanço. É uma questão de gramas, mas tem muita importância. Do mesmo modo nos é dito, como há pouco vimos no capítulo 12 da epístola aos Hebreus, que «deixemos todo o embaraço, e o pecado que tão de perto nos rodeia». O pecado prendeu-se facilmente a nós, sob as mais variadas formas, como o orgulho, a desonestidade, a linguagem grosseira, a impaciência. Poderíeis fazer uma lista ainda mais completa. Desembaraçai-vos de tudo isso com a força de Jesus, para correrdes à vontade a carreira da vida.

Durante uma semana de oração, as crianças duma escola de igreja foram convidadas a escrever aquilo de que gostariam de se desembaraçar. Cada uma escrevia para si. Depois deitaram todos os papéis no fogo e fizeram esta oração: «Jesus, tu sabes o que eu escrevi. Perdoa-me tudo e liberta-me de verdade. Apaga os meus pecados como o fogo queimou o papel onde eles foram escritos.» Era uma oração feita com fervor. Do mesmo modo devemos estar bem decididos a nos libertar de todo o peso incômodo quando queremos seguir Jesus.

Por outro lado, diz a Escritura que estamos cercados de testemunhas. Talvez a maior multidão que jamais viu correr uma maratona tenha sido a que se reuniu em Toquio, por ocasião dos Jogos Olímpicos naquela cidade. Calculou-se em perto de um milhão e meio o numero de espectadores que seguiram e encorajaram os corredores na rúde prova dos 40 Km. Podemos estar certos de que eles fizeram o melhor que puderam.

Pode acontecer que nem sempre tenhamos o sentimento de ser encorajados durante a nossa carreira terrestre. Satanás compraz-se em nos arrastar ao desânimo, mas todos os seres celestes estão prontos para nos ajudar mais do que pensamos. O próprio Jesus fala aos anjos, pelo menos dez vezes. Quando ele orou no Getsemani, veio um anjo para o animar. Um anjo livrou Pedro da prisão. Um dos nossos amigos contou-nos como um anjo o despertou em plena noite, quando ele era colporteur. Um brusco empurrão nas costas arrancou-o ao seu sono quando um ladrão entrava no quarto para se apoderar do importante produto das suas vendas. Deus sabia que o meu amigo, nessa altura estudante, tinha necessidade do dinheiro para acabar a sua instrução.

Fixar os olhos em Jesus, esse é o segredo do êxito. Se olharmos apenas para os homens, ficaremos decepcionados. Quando olhamos para nós mesmos, ficamos desanimados. Se olharmos para Jesus, tudo nos será possível. Faremos aquilo que devemos fazer da maneira como ele deseja que façamos.

Acordei uma manhã, quando ainda era rapaz, e constatei que a minha casa estava circundada por uma espessa camada de neve. Humanamente, parecia impossível chegar à rua que, no entanto, ficava próxima. Preparei-me entretanto para ir à escola e procurei avançar na frente da porta, sem conseguir ir muito longe. O meu pai viu-me então, passou à minha frente e abriu caminho. Assim, pude ultrapassar o muro de neve. Jesus não só nos mostra o caminho, como também o percorre à nossa frente.

Na carreira da vida de que estamos a falar, não basta partir e avançar, é

preciso ainda chegar. Temos que ser fiéis ao nosso Guia até ao fim. O nosso Adversário faz tudo o que pode para nos desviar do caminho e nos fazer perder o objectivo de vista. O director duma escola contou-nos o que viu certa vez que tinha organizado uma corrida entre os alunos. Dois deles tinham desistido e comiam bolos num jardim público. Não é assim que se pode ganhar!

Antes de ser destruída a cidade de Sodoma, houve anjos que avisaram Lot e a sua família para que fugissem depressa. «Escapa-te por tua vida; não olhes para trás de ti, e não pares em toda esta campina⁽¹⁾.» Durante certo tempo, Lot e os membros da sua família correram sem se deter, mas logo veio a fadiga e a mulher de Lot pensou bastante em tudo o que tivera de deixar. O seu coração ainda lá ficara preso. Ela voltou-se e observou. A Bíblia diz que ela foi transformada numa estátua de sal (Gén. 19:26). Tinha partido para a corrida da vida, mas sucumbiu pela estrada. «Lembraivos da mulher de Lot⁽²⁾», diz-nos Jesus.

A entrega das medalhas nos Jogos Olímpicos é sempre solene. Ecoam os hinos nacionais, içam-se as bandeiras, e os vencedores, elevados sobre o pódio, recebem os seus prémios. No momento da distribuição das recompensas que Deus preparou para os que o amam, vós podereis também lá estar. O apóstolo Paulo, sabendo que se aproximava o seu fim, escrevia de Roma onde estava prisioneiro: «Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé. Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a sua vinda⁽³⁾.»

Jesus voltará. Ele entregará os prémios aos vencedores, a coroa da vida. Uma das coroas ciosamente guardadas neste mundo encontra-se na Torre de Londres. Contém 2 818 diamantes e 300 pérolas. É utilizada no momento da coroação dos reis ou rainhas da Inglaterra. É muito bela, naturalmente, mas não é nada em comparação com a coroa que Jesus quer dar a cada um de nós, por ocasião da sua volta.

Seremos então vitoriosos, com a condição de havermos corrido como Jesus nos pede, com os olhos fixos nele. Pode parecer que está acima das nossas forças. No entanto, é verdade! Com ele, podemos ganhar.

(1) Heb. 12:1, 2.

(2) Actos 26:28.

(3) Prov. 3:6.

(4) Gén. 19:17.

(5) Luc. 17:32.

(6) II Tim. 4:7, 8.

6-É VERDADE!

MAS NÃO GUARDEIS SÓ PARA VÓS

Se um dia algum de vós visitar Edimburgo, a capital da Escócia, irá sem dúvida deparar com uma multidão de turistas a observar uma pequena estátua de bronze. Param ali visitantes de todo o mundo para tirar fotografias a um cão célebre cuja estátua se ergue acima da rua barulhenta.

Bobby era um podengo que um dia chegou a Edimburgo com o seu dono, um pastor chamado Auld Jock. Este, contra a sua própria vontade, não tinha tido outro remédio senão abandonar o campo. Auld gostava muito do seu cão. Naquela cidade turbulenta, o pastor viveu pouco tempo. Foi enterrado no pátio da igreja de Greyfriars, e não teve mais ninguém senão o cão para chorar sobre a sua sepultura.

Bobby sentou-se ali, à espera que o seu dono voltasse. Dia após dia, noite após noite, ficou ele em cima da sepultura. Houve pessoas que procuraram levá-lo para casa, mas ele voltou para o pé do dono e viveu ali no cemitério. Levavam-lhe comida. As crianças de um orfanato próximo gostavam muito dele. Ele brincava às vezes com elas, mas voltava logo para a sepultura do seu dono. O proprietário de um restaurante ganhou o hábito de alimentar o Bobby e os fregueses dele perguntavam sempre por notícias do curioso cão. Quando o grande relógio do castelo dava uma hora, Bobby ia buscar a comida, mas não se demorava muito. Tinha uma coisa que fazer: era esperar pelo dono.

Esperou durante catorze anos, ignorando sempre a razão por que ele não vinha. Um dia, o presidente da câmara de Edimburgo, Sir William Chambers, ofereceu a Bobby uma coleira com o seu nome. Bobby manteve-se no seu posto até à morte, que ocorreu em 1873. Foi enterrado ao lado do dono. Não admira que as pessoas desejem tanto ter uma fotografia daquele cão que foi duma fidelidade a toda a prova.

Bobby não sabia que o seu dono não podia voltar. Nós, cristãos, sabemos que o nosso Mestre voltará. Oxalá que a nossa espera seja tão fiel como a daquele cão! Sabemos que Jesus virá em breve por causa dos sinais que se cumprem. O nosso próprio nome testemunha da nossa esperança. Chamamo-nos «adventistas do sétimo dia», porque observamos o sábado e aguardamos o grande sábado que con-

tinuará pela eternidade. Falamos muitas vezes da primeira vinda de Jesus, mediante a qual ele sofreu e morreu por nós. Mas esperamos a sua segunda vinda em glória, que lhe permitirá levar-nos consigo.

Bobby nada mais podia fazer do que esperar. Connosco é diferente. Podemos e devemos preparar-nos: «Por isso, estai vós apercebidos também; porque o Filho do homem há-de vir à hora em que não penseis (1).» Jesus acrescenta: «As coisas que vos digo digo-as a todos: Vigiai (2).» O Senhor pede-nos que vigiemos para que estejamos prontos para o receber. Pedro, que amava o seu Mestre e esperava tornar a vê-lo, escreveu: «Que pessoas vos convém ser... aguardando e apressando-vos para a vinda de Deus (3)!» Como podemos nós apressar a volta de Jesus? Vigian-do e testemunhando. Isso é verdade tanto para os grandes como para as crianças.

Já repararam como o tempo passa tão lentamente quando esperamos por um autocarro ou um comboio? É porque não temos nada que fazer. Quando estamos ocupados com qualquer coisa que nos interesse, o tempo parece-nos que corre. Vigiar é muito mais do que esperar. O apóstolo Paulo insiste por sua vez: «Vigiai, estai firmes na fé; portai-vos varonilmente (4).» Já falámos dessa vigilância necessária, acentuando que Satanás nos quer mal e que devemos manter-nos em guarda.

Sabeis como podemos tornar-nos fortes? Com certeza, lendo a nossa Bíblia e fazendo oração. A palavra de Deus torna-nos fortes. Lemos no Apocalipse: «Ai dos que habitam na terra e no mar; porque o Diabo desceu a vós, e tem grande ira, sabendo que já tem pouco tempo (5).» Satanás leu as profecias. Ele sabe que Jesus está quase a voltar, por isso o seu objectivo é enfraquecer-nos. Mas o versículo anterior indica-nos uma maneira particular de conseguir força: «Eles o venceram pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho (6).» Satanás leu as profecias. Ele sabe que Jesus está quase a voltar, por isso o seu objectivo é enfraquecer-nos. Mas o versículo anterior indica-nos uma maneira particular de conseguir a força: «Eles o venceram pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho (7).» No Calvário, Jesus obteve a vitória sobre o nosso inimigo. Tornamo-nos fortes quando dizemos aos outros aquilo que Jesus fez por nós.

Sabeis qual é a arma mais poderosa de Satanás? Será uma espingarda ou um grande canhão? Não, é um dedo escarninho apontado para os cristãos, como o da serva apontando o apóstolo Pedro quando foi o processo de Jesus. Para passarem despercebidos, houve muitos cristãos que renegaram o seu Mestre. Pedro chorou pela maneira como se conduziu e pediu perdão. Encontrou então o segredo da força: nunca ter vergonha de Jesus.

Isso era-lhe possível, pois ele tinha todo o amor do seu Salvador. E testemunhar, não é condenar as pessoas a propósito dos seus pecados, é falar-lhes de Jesus, aquele que nos salva do pecado.

Samuel Sherry tinha descoberto o seu Salvador. Nascido na Rússia de pais judeus, cresceu nos Estados Unidos e sentiu um dia o apelo para trabalhar como missionário na China. Era muito dotado para aprender línguas. Queria traduzir a Bíblia em chinês. Já tinha começado esse trabalho quando foi atacado de poliomielite. Achou-se paralisado desde a cintura até aos pés. Os braços e os dedos ficaram com menos mobilidade do que antes. Só dois dedos conservaram todo o seu antigo vigor. Mandou fazer uma cadeira especial e prender dois paus especiais aos seus dedos, para traçar os sinais da escrita chinesa, e, todos os dias, durante vinte e cinco anos, passou várias horas a continuar a sua tradução. Foi a sua maneira de testemunhar.

Quando Ellen White era ainda uma jovem, Deus deu-lhe uma visão pela qual ela compreendeu como a proclamação do Evangelho haveria de avançar. Disse-lhe um anjo: «Olha!» Ela viu então o nosso mundo cercado de trevas. O anjo disse-lhe em seguida que olhasse uma segunda vez. Ao fim de algum tempo, ela distinguia pequenas luzes muito dispersas. Depois estas aumentaram de número e, finalmente, toda a terra foi iluminada. Já pensamos que qualquer um de nós pode ser uma dessas pequenas luzes?

As camisolas dos Missionários Voluntários da África Ocidental têm estampadas as seguintes palavras: «Juventude adventista em acção para Cristo». Alguns daqueles jovens fazem coisas extraordinárias para ajudar o seu próximo. Assim, estão plenamente ocupados e, pelo seu testemunho, apressam a volta de Jesus. Uma jovem norueguesa contou um dia que tinha participado num acampamento realizado bem acima do Círculo Polar. Alguns adventistas foram visitar aquele acampamento desejosos de testemunhar da sua fé. Ela escutou-os e, algum tempo mais tarde, deu o seu coração a Jesus. Durante uma reunião, ela pôde dizer: «Agora sou adventista, e isto era o melhor que me podia acontecer!»

Um elo da cadeia de ouro

Num dos seus escritos, Ellen White compara os crentes a elos de uma cadeia de ouro ligando todos os homens a Jesus: «Aquele que se torna um filho de Deus, diz ela, deveria considerar-se como um elo da cadeia de ouro estendida aos homens para a sua salvação. Deveria sentir-se unido a Cristo no seu plano misericordioso, partindo com ele à procura dos que se perdem (8).» É como se alguém

estivesse a afogar-se nas vagas do mar próximo da praia. As pessoas têm às vezes a ideia de tornar uma cadeia desde a praia até à pessoa aflita. Neste caso, cada elo é importante. Cuidemos em fazer a nossa parte na operação de salvamento que Jesus dirige.

A actual rainha da Inglaterra, Isabel II, perdeu-se um dia, com a idade de treze anos, quando passeava com a sua irmã num bosque da Escócia. Depois de terem andado a aventura, chegaram a uma pequena casa e bateram à porta. Uma mulher abriu mas não as reconheceu. Deu-lhes de comer e indicou-lhes o caminho que deviam seguir. Antes de as deixar ir embora, aquela mulher perguntou a Isabel quem era. Esta respondeu: «Eu, não sou nada, mas o meu pai é o rei.»

Enquanto esperais nesta terra, vigiando e testemunhando, podeis ter o sentimento de não serdes nada. No entanto, esperam-vos coisas maravilhosas porque o vosso Pai é o Rei dos reis. A Bíblia diz-nos a este respeito: As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem, são as que Deus preparou para os que o amam (9).

Enquanto eu estava fazendo de barco a travessia do oceano Índico, tendo partido de Joanesburgo, reparei num amigo africano que nunca tinha visto o mar. Ele escutava o barulho das vagas e estava impressionado por aquela extensão sem fim. Pensou então na mulher e nos filhos que tinha deixado no interior das terras africanas e teria desejado que eles também desfrutassem o mesmo espectáculo. Quando voltou, encheu duas garafas com água do mar para lhes dar uma pequena ideia do que tinha visto. Mas apesar de todo o amor que dedicava aos seus, ele tinha poucas possibilidades de lhes fazer compreender o que queria comunicar-lhes.

Nós estamos numa situação semelhante. Os melhores sermões e mesmo a Bíblia não nos dão senão uma fraca ideia da beleza da vida dos remidos. A rainha Vitória ouviu um dia um sermão muito belo sobre a vinda de Jesus em glória. No fim ela exclamou: «Que ele venha imediatamente! Eu deporei a minha coroa aos seus pés.»

Não sabemos exactamente quando ele virá. Mas sabemos que ele vem. Porque não deporemos hoje as nossas vidas aos seus pés? É talvez a primeira vez que o fazeis. Senão, podemos voltar a fazê-lo uma vez mais. Jesus está vivo e vai voltar.

(1) Mat. 24:44.

(2) Mar. 13:37.

(3) II Ped. 3:11, 12.

(4) I Cor. 16:13.

(5) Apoc. 12:12.

(6) Apoc. 12:11.

(7) The Ministry of Healing, pág. 105.

(8) I Cor. 2:9.

Pai Nosso

PAI NOSSO QUE ESTÁS NO CÉU,
SANTIFICADO E BENDITO
SEJA O TEU NOME, INFINITO.
VENHA A NÓS O REINO TEU.
HOJE E EM TODA A ETERNIDADE,
CUMPRA-SE A TUA VONTADE,
NA TERRA COMO NO CÉU.

DÁ-NOS, Ó PAI, E ABENÇO
O PÃO DE QUE PRECISAMOS,
EM CADA DIA QUE VEM.
NOSSAS DÍVIDAS PERDOA,
ASSIM COMO PERDOAMOS
A QUEM NOS DEVE TAMBÉM.
E, SENHOR, QUE TUA MÃO
PROTECTORA E PATERNAL
NOS AFASTE A TENTAÇÃO,
NOS LIVRE DE TODO O MAL.

(Campos Monteiro)